

Universidade de São Paulo
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”
Departamento de Ciências Florestais
0110601 - Estágio Profissionalizante em Engenharia Agrônômica

**ESTUDO DE MERCADO: As feiras livres de Itamaraju, Prado e Alcobaça
no Extremo Sul da Bahia**

Projeto “Assentamentos Agroecológicos no Extremo Sul da Bahia” do
Programa de Pesquisa para o Desenvolvimento de Assentamentos Rurais e da
Agricultura Familiar (PPDARAF – ESALQ/USP)

Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão em Educação e Conservação Ambiental
(NACE/PTECA)

Maria Clara Novais Bernardes

Nº USP: 6826774

maria.bernardes@usp.br

Orientador: Prof. Dr. Marcos Sorrentino

Supervisora: Ana Paula Capello Rezende

Piracicaba

Dezembro 2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos da Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto, tanto os companheiros de trabalho, quanto os companheiros de moradia pelo dia a dia vivenciado com felicidade e fraternidade nesse ambiente do campo tão bonito e inspirador.

A todos os agricultores, os educadores, os técnicos e os militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra pelos aprendizados, pelas experiências e saberes compartilhados, pelo exemplo de luta pela reforma agrária popular.

A todos da equipe do projeto Assentamentos Agroecológicos em especial à Danielly, Fernanda, João Dagoberto e ao Eduardo pelos auxílios e pelo apoio durante o desenvolvimento do estudo de mercado, bem como a todos que participaram na aplicação dos questionários, Elielson, Rafael, Jeanderson, Ana, Paulinho, Judithy, Nil e Gueu.

Aos professores Paulo Kageyama e Marcos Sorrentino por possibilitarem a realização desse estágio, bem como por acreditarem no meu trabalho. Ao Marcos ainda, enquanto orientador, pelos conselhos esclarecedores e conversas animadoras.

À Ana Paula, Daniel e João Portela por demonstrarem ser, mais que supervisores atenciosos e dedicados, verdadeiros amigos e por nos acolher sempre tão bem. Aos meus colegas, ou melhor, amigos de estágio Judyth e Paulinho, por estarem ao meu lado durante todo esse tempo e por dividirem comigo momentos de diversão, indagações, tristezas e alegrias.

À minha família, em especial meus pais Sandra e Paulo Afonso, e irmãos Carolina e Paulo Henrique, aos meus amigos e ao Vitor por, apesar das dificuldades impostas pela distancia, sempre me animarem, me apoiarem e me darem amor e força para manter-me firme no cumprimento do meu dever enquanto estudante, futura profissional e, sobretudo ser humano.

À Deus pela graça da vida, pela possibilidade de conhecer tantas pessoas e tantos lugares maravilhosos, pela coragem de lutar em prol do amor e da justiça.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVOS	10
2.2 Objetivos específicos	10
3. CONTEXTO FÍSICO E SÓCIO POLÍTICO	12
3.1 A região: Extremo Sul da Bahia	12
3.2 A luta pelo acesso à terra no Extremo Sul:	14
3.3 O Projeto Assentamentos Agroecológicos na região	17
4. CONTEXTO ECONÔMICO	18
4.1 Caracterização do setor produtivo local	18
4.2 As feiras da Reforma Agrária e os mercados institucionais	24
5. METODOLOGIA	26
6. RESULTADOS	29
6.1 As Feiras livres	29
6.1.1 Descrição das feiras	29
6.1.2 Características e origem dos feirantes	36
6.1.3 Dados da produção	45
6.1.4 Percepção dos feirantes	48
6.2 A socialização do estudo	58
7. OUTRAS ATIVIDADES	63
Campanha Extremo Sul pela vida: Agrotóxico zero	63
8. DISCUSSÃO	66
8.1 A questão dos Circuitos Curtos	66
8.2 A questão da organização dos agricultores	70
8.3 A questão da agroecologia	71
8.4 A questão da vivência	73
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
ANEXOS	78

1.INTRODUÇÃO

O Extremo Sul da Bahia é historicamente marcado pela exploração da terra e pelos diversos conflitos envolvendo os povos do campo como os indígenas, quilombolas e camponeses, desde a chegada dos portugueses com a retirada de Pau-Brasil, após a abertura da BR 101 com a extração de madeiras da mata atlântica até, atualmente, com a forte presença da pecuária extensiva e dos monocultivos de eucalipto.

No entanto, sabe-se que é a agricultura familiar a responsável pela maior parte do alimento consumido pelos brasileiros devido a sua qualidade e também acessibilidade, conforme o Ministério do Desenvolvimento Agrário (2014). Além do combate à fome e à pobreza, a agricultura familiar também tem um papel importante na proteção do meio ambiente e para a segurança alimentar.

As famílias camponesas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) desde sua fundação lutam pela terra, pela reforma agrária e por uma sociedade mais justa e fraterna. Ademais, o movimento faz com que famílias saiam de situações de vulnerabilidade para um meio comunitário com melhor qualidade de vida, em que a solidariedade e união dos trabalhadores são reforçadas.

Em uma entrevista ao site do movimento Cristina Bezerra menciona a importância do MST em relação à universidade ao ampliar o debate da questão agrária e “construir ações que viabilizem o acesso da população do campo ao conhecimento, e permitir a troca de saberes que eles têm para trazer para dentro da universidade”. Ademais, segundo Cristina Bezerra, o movimento contribui para questionar a matriz de conhecimento das universidades, uma vez que promove a agroecologia (a qual está entre as bandeiras do MST) e retoma saberes esquecidos, como as plantas medicinais, as técnicas alternativas de manejo do solo, entre outros.

A procura por atender tanto a necessidade de proteção ambiental, quanto a melhoria das condições sócio-econômicas de agricultoras e agricultores, está nos objetivos da agroecologia (Khatounian, 2001). A agricultura agroecológica propõe o uso dos recursos naturais e a produção de

alimentos de forma integrada com a natureza, bem como a promoção da biodiversidade, da participação social e da cooperação entre as pessoas. A produção e o consumo consciente, regional e sem agrotóxicos estão entre seus princípios, assim, vê-se a necessidade de pensarmos não somente formas de produzir diferente, mas também de vender, comprar, trocar, consumir (Ilanomoto et al, 2012).

Outra reivindicação dos movimentos sociais do campo, haja vista o MST, é a defesa da soberania alimentar. Segundo Moruzzi-Marques (2014) o conceito de soberania alimentar está vinculado à valorização das tradições alimentares, à produção local, à agricultura familiar camponesa, em que a justiça socioambiental prevalece sobre os mecanismos da justiça mercantil-industrial.

Deste modo, é preciso pensar as diferentes formas de comercialização dos produtos agroecológicos na busca pela soberania alimentar, assim destacam-se as feiras, as lojas dos produtores, os grupos de consumo e certas políticas públicas alimentares enquanto venda direta, também conhecida como circuitos curtos. Os circuitos curtos são definidos como modos de venda direta com no máximo um intermediário. Diversos são os benefícios encontrados nos circuitos curtos, como apresenta a Associação 'Acteurs Pour une Economie Solidaire' (APES): eles fortalecem as ligações sociais e culturais uma vez que favorecem o reconhecimento entre agricultores e consumidores e são base de uma educação popular sobre produtos alimentares e qualidade de vida. São também iniciativas que buscam atender às demandas tanto dos agricultores, ao proporcionar uma melhor remuneração, quanto dos consumidores ao acederem à produtos de melhor qualidade.

Entre os diferentes canais de comercialização direta entre produtores e consumidores, as feiras estão entre as modalidades mais antigas e acessíveis, em especial quando na estação correspondente à produção de determinado alimento, não raro, esses são mais baratos que em relação aos supermercados (Bernardes, 2014).

Portanto tendo em vista as melhorias para o campo e para os camponeses faz se necessário o estudo das alternativas de comercialização a fim de valorizar e garantir a produção agroecológica nos acampamentos e

assentamentos rurais no extremo sul da Bahia, em especial das sete áreas do Projeto Assentamentos Agroecológicos.

O Projeto Assentamentos Agroecológicos faz parte do Programa de Pesquisa para o Desenvolvimento de Assentamentos Rurais e da Agricultura Familiar (PPDARAF) desenvolvido pelo Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão em Educação e Conservação Ambiental (NACE PTECA) da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – ESALQ/USP – junto à Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto do MST.

O estágio se realizou a partir do diálogo entre universidade e movimento, tendo em vista a construção coletiva do plano de trabalho do estudo de mercado. Após a etapa de definição dos objetivos e do planejamento, foi realizada a aplicação dos questionários nas feiras livres de Alcobaça, Itamaraju e Prado para a aquisição dos dados. Por fim, foi feita a análise e socialização das informações obtidas.

Logo, o diagnóstico e o estudo de mercado são necessários para identificar limites e potencialidades, propor alternativas e garantir uma comercialização justa da produção agroecológica dos camponeses. Além disso, é uma oportunidade dos estudantes se aproximarem não somente da realidade profissional, mas também da questão agrária brasileira, como também de se capacitarem e se sensibilizarem para agir na transformação social e ambiental.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

O objetivo do estágio profissionalizante nos acampamentos/assentamentos do Extremo Sul da Bahia, envolvidos com o Projeto é contribuir no diagnóstico e estudo de mercado, com foco nas feiras de três municípios referência (Itamaraju, Prado e Alcobaça), visando às estratégias de comercialização para assegurar a produção agroecológica e a renda dos camponeses na região.

2.2 Objetivos específicos

Caracterizar o perfil dos feirantes das feiras estudadas.

Identificar a existência da diversidade de alimentos ofertados nas feiras estudadas.

Caracterizar os produtos comercializados nas feiras estudadas.

Identificar o potencial da venda de produtos agroecológicos nas feiras estudadas.

Identificar a existência e o potencial da comercialização por meio dos circuitos curtos locais.

Participar e contribuir nos espaços de formação da Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto.

Vivenciar e aprender junto aos agricultores, estudantes, educadores e militantes do MST e de seus parceiros.

O extremo sul da Bahia possui elevada umidade e constância de chuvas, sendo caracterizado pelos climas úmido a sub-úmido, e sub-úmido a seco. A precipitação média anual é aproximadamente de 1.200mm, sendo a maior ocorrência de chuvas entre os meses de novembro, dezembro e janeiro (SEI, 2008, p.23). A vegetação nativa característica é a mata atlântica (predominantemente a Floresta Ombrófila Densa), que teve sua elevada biodiversidade e espécies endêmicas ameaçadas pelo intenso desmatamento intensificado pela policultura, pecuária e silvicultura ao longo das constantes transformações no uso e ocupação das terras na região (SEI, 2008, p.25).

A população total é de 718.272 habitantes, no entanto distribuída de forma desequilibrada entre seus municípios: Alcobaça, Belmonte, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Itapebi, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz de Cabrália, Teixeira de Freitas e Vereda (SEI, 2008, p.18).

Historicamente, a região foi marcada nos três primeiros séculos de colonização pela exploração de seus recursos naturais e pela agricultura dos povos que nela habitavam, no entanto, as adversidades locais fizeram com que nesse início não houvesse a consolidação de núcleos urbanos relevantes. Até então os núcleos urbanos no litoral do extremo sul serviam de entreposto comercial devido à extração de madeiras nobres, por exemplo, de pau-brasil. (SEI, 2008, p.31).

A partir do século XVI introduziu-se na região a cultura da cana-de-açúcar, baseada no monocultivo e no trabalho escravo. No entanto, no século XVIII, o cultivo de cana teve uma queda permanecendo sem grandes mudanças até o século XVIII. Neste século XVIII coexistiam o extrativismo e os policultivos alimentícios, estes por sua vez, como o feijão e a farinha de mandioca, abasteciam além da população local, outras regiões do estado. Ademais, as culturas de café e cacau também foram estabelecidas na região, sendo que o cacau ganhou maior relevância econômica apenas dois séculos depois. Com o fim do trabalho escravo, observou-se a organização de comunidades pobres e de pequenos agricultores familiares baseados na economia camponesa e na não acumulação mercantil, sendo este o principal padrão de ocupação até o século XX (SEI, 2008, p.32).

Entretanto, a abertura de rodovias, como a BR 116 e a BR 101 em especial, provocou mudança significativa no padrão sócio espacial do extremo sul da Bahia. Assim, viu-se a ocupação do interior do território e o crescimento da exploração madeireira, bem como da pecuária extensiva; uma vez que as terras baratas, a melhoria do sistema viário melhorou as condições para o escoamento das produções e, portanto tornou a região atrativa para madeireiros, fazendeiros e industriais (SEI, 2008, p.36). Durante a década de 1970 surgiram os incentivos públicos para o reflorestamento, o que justifica as grandes extensões de monocultivo de eucalipto na paisagem atual do extremo sul da Bahia.

Atualmente, o padrão dominante da paisagem regional é a pastagem, seguida da silvicultura e da vegetação natural (remanescentes e matas secundárias em diferentes estágios de regeneração). Também se encontram, mas em menor extensão, as culturas, tais como cacau, mamão, coco, cana e café, este por sua vez mais recentemente presença relevante expansão. Por fim, as áreas de policultivos são principalmente oriundas das pequenas propriedades relacionadas à reforma agrária e/ou à agricultura familiar, tendo como destaque os cultivos de urucum, maracujá, pimenta do reino, coco e mandioca (SEI, 2008, p.45-46).

3.2 A luta pelo acesso à terra no Extremo Sul:

O debate da questão agrária brasileira inclui o direito à terra, a necessidade de uma efetiva reforma agrária em âmbito nacional e busca dos movimentos sociais em fazer valer esses direitos. Tal questão remete à formação do próprio território brasileiro, que desde suas raízes até hoje, é marcado pelo latifúndio, pelo poder de poucos, pela concentração de renda gerando desigualdades e pela concentração de terras. Como resultado o país enfrenta historicamente diversos problemas de ordem social, política e econômica. Neste cenário, observa-se o surgimento dos movimentos sociais, cujas bandeiras visam denunciar tais injustiças e lutar pela terra bem como pelas condições adequadas de permanência dos camponeses no campo (SEI, 2008, p.131).

Dentre os movimentos sociais do campo, encontra-se o MST, que surge no país em 1984. Porém, na região o movimento inicia com sua primeira

ocupação apenas em 1987, sendo esta data o marco para o MST no Extremo Sul da Bahia (REZENDE, 2012).

A Bahia, em especial seu extremo sul apresenta o maior número de acampamentos, atualmente, bem como conflitos intensos de terra, por coexistirem diferentes grupos com interesse nas áreas da região, como os indígenas, quilombolas, movimentos sociais do campo, empresas de papel e celulose com suas extensas áreas de monocultura de eucalipto, a especulação imobiliária com a construção de hotéis de luxo devido ao turismo relevante na Costa do Descobrimento e na Costa das Baleias (SEI, 2008, p.134).

Além disso, é notória a diferença no crédito destinado aos projetos do agronegócio, nova faceta do latifúndio de outrora, enquanto, a agricultura familiar, maior produtora de bens alimentícios que abastece a mesa da população brasileira, tem acesso muito menor e restrito a crédito e financiamentos (SEI, 2008, p.134). Somado a isso, o aumento das florestas de eucalipto na região, corroboram para o aumento da exclusão e da concentração de terras, gerando o êxodo rural que contribui, por sua vez, para a periferização e favelização das cidades da região. Ademais, no Extremo Sul a silvicultura de eucalipto não ocupou primeiramente áreas degradadas pelas pastagens e culturas, como seria o objetivo de reflorestamento incentivado pelo governo, mas sim áreas de florestas naturais (SEI, 2008, p.148), provocando deste modo reações contrárias e tornando-se alvo dos movimentos sociais.

A monocultura de eucalipto feita pelas empresas, seja em terras próprias, seja em parceria com proprietários rurais, não emprega tanta mão de obra quanto outras culturas, gerando assim o aumento do desemprego. Junto a tudo isso, os efeitos negativos sobre o meio ambiente e a opressão que os grandes grupos econômicos e multinacionais representam (entre eles as empresas de papel e celulose) fizeram com que o MST se voltasse para o combate a esse modelo; haja vista a ocupação feita pelas mulheres no viveiro hortoflorestal da Aracruz Celulose no Rio Grande do Sul em março de 2006, na mesma época do encontro da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) sobre reforma agrária e desenvolvimento

rural¹. Consequente, no Extremo Sul, o MST também muda seu foco de luta para o combate às grandes extensões de monocultura de eucalipto e suas empresas, como Suzano Bahia-Sul, Fibria e Veracel (REZENDE, 2012, p.20).

Nessa conjuntura o movimento ocupou diversas fazendas dessas empresas para promover a reforma agrária, sendo interessante relatar o processo de formação das áreas que hoje fazem parte do Projeto Assentamentos Agroecológicos:

“Em abril de 2007, o MST ocupou na região a fazenda Pombo Roxo, atual acampamento São João e a Fazenda Bela Manhã, atual acampamento Bela Manhã, terras que pertenciam naquele momento à Aracruz (atual Fibria). Na sequência, ocupou a fazenda Projeto 717, originando o acampamento José Martí, seguido da Fazenda Colatina, formando o acampamento Jaci Rocha. Posteriormente, em 2010, uma segunda área do Complexo Pombo Roxo deu origem ao acampamento Herdeiros da Terra e no mesmo período a Fazenda Boa Sorte deu origem ao acampamento Abril Vermelho. Depois formou-se o acampamento Antonio Araujo, na Fazenda Cotia ao lado da Fazenda Colatina.” (REZENDE, 2012, p.21).

¹ Disponível no site da CLOC – Coordenadora Latinoamericana de Organizaciones Del Campo: <
<http://cloc-viacampesina.net/pt/portugues/120-noticias-em-portugues/495-protesto-das-mulheres-na-aracruz-completa-5-anos->>

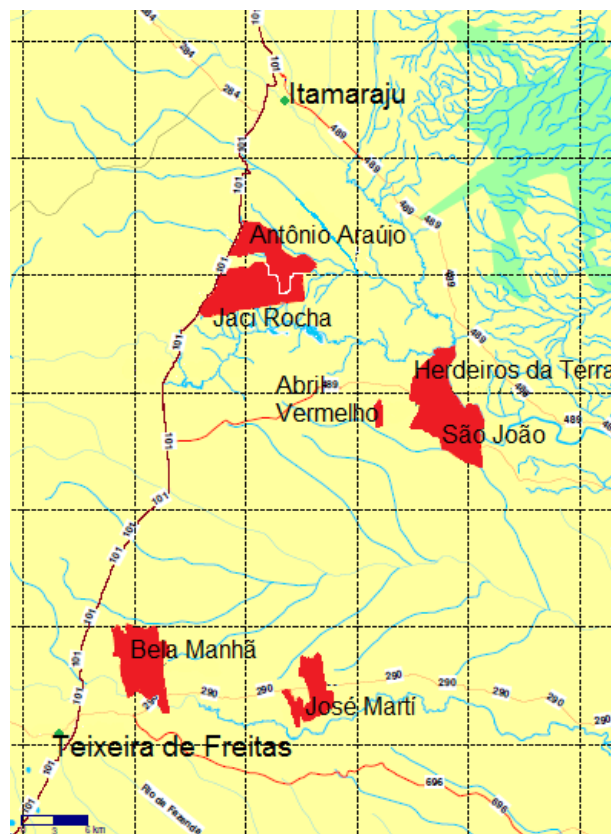


Figura 2 – Acampamentos que compõe o projeto Assentamentos Agroecológicos (Fonte: Rezende, 2012)

3.3 O Projeto Assentamentos Agroecológicos na região

O projeto “Assentamentos Agroecológicos no Extremo Sul da Bahia” do Programa de Pesquisa para o Desenvolvimento de Assentamentos Rurais e da Agricultura Familiar (PPDARAF) busca o desenvolvimento sustentável da agricultura familiar em áreas de reforma agrária através da agroecologia, da agrofloresta e da educação popular. O trabalho é feito em parceria com o Movimento Sem Terra e a ESALQ/USP através dos professores Paulo Kageyama e Marcos Sorrentino e do NACE/PTECA (Núcleo de Apoio à Cultura e Extensão em Educação e Conservação Ambiental). Tendo em vista a importância da agricultura familiar e dos movimentos sociais para a agricultura e para a sociedade brasileira, o projeto visa contribuir na luta pela terra, pela soberania alimentar, pela agroecologia e pela educação transformadora e de qualidade acessível a todos.

A Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto data de 2012 e situa-se em uma das áreas dos sete pré-assentamentos (Jaci Rocha), conquista do MST na região e sua construção também é feita de forma

dialogada entre diferentes instituições como a ESALQ/USP, o NACE/PTECA, o INCRA, o IF Baiano, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e a OCA - Laboratório de Política e Educação Ambiental, uma vez que faz parte do mesmo processo formador do Projeto Assentamentos Agroecológicos do Extremo Sul da Bahia. Inicialmente a Escola fundamentou-se em dois aspectos: na construção coletiva da base e dos princípios políticos pedagógicos, organizativos, situacionais e na formação de formadores em agroecologia. A formação em agroecologia inclui os membros da própria equipe da escola e pessoas das áreas do projeto a fim de formar multiplicadores dos saberes em agroecologia para o auxílio nos processos agroecológicos e inovadores nos pré-assentamentos junto aos outros agricultores (REZENDE et al, 2013).

Atualmente a Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto e os sete pré-assentamentos do projeto vivem um momento de novas parcerias e a realização e o desenvolvimento de diversas atividades, entre elas é possível citar algumas como: implantação de sistemas agroflorestais, campanha agrotóxico zero, alfabetização ambientalista, restauração florestal, manejo de resíduos sólidos, viveiro agroflorestal, horto medicinal e o diagnóstico e estudo de mercado.

4. CONTEXTO ECONÔMICO

4.1 Caracterização do setor produtivo local

Uma vez que os três municípios estudados, Alcobaça, Itamaraju e Prado, possuem como principal atividade econômica a produção agropecuária, a caracterização da agricultura desses pretendeu identificar as variedades produzidas de maior importância econômica na região. O estudo de mercado contribuirá, através da representatividade econômica das atividades agrícolas, para interpretar como são formadas as relações de mercado, assim como promover ações que fortaleçam o comércio local, modalidade que gera maior renda aos produtores da agricultura familiar.

- **Alcobaça**

Pode-se observar que em Alcobaça, de toda receita agrícola dos produtos colhidos, a importância econômica do grupo que compreende os

frutos é a mais representativa (82,4%), sendo composto principalmente de mamão (34,5%) e maracujá (30,2%). Como segundo grupo com maior importância econômica está a mandioca (7%), tendo como 3º mais importante a pimenta-do-reino (4,1%).

Tabela 1. Principais produtos agrícolas colhidos em Alcobaça - 2012

Cultura	Área Colhida (ha)	Produção	Un.	Valor (R\$ 10³)
Mamão	225	15750	t	13.073
Maracujá	325	7150	t	11.440
Coco-da-baía	1800	10800	*	4.104
Mandioca	700	11200	t	2.688
Melancia	280	6160	t	2.208
Pimenta-do-reino	90	315	t	1.575
Café (em côco)	200	240	t	840
Abacaxi	18	450	*	338
Limão	42	651	t	306
Urucum (semente)	270	216	t	259
Cana-de-açúcar	105	4725	t	257
Banana	35	385	t	238
Feijão (em grão)	85	85	t	213
Laranja	20	280	t	125
Cacau (em amêndoa)	80	18	t	85
Milho (em grão)	105	158	t	79
Goiaba	5	55	t	39
Borracha (látex coagulado)	10	10	t	26
Amendoim (em casca)	35	27	t	20
TOTAL				37.913

Fonte: IBGE (2013). * = 1000 frutas

Ainda pode-se observar que o incremento de área ocorre para os cultivos de café e maracujá desde 2004. Outras culturas importantes voltaram a crescer entre o primeiro quadriênio e o segundo, como a cana de açúcar, o cacau e a goiaba. Ainda, apesar da importância econômica, a cultura da pimenta-do-reino teve forte diminuição de áreas colhidas, após a alta durante o primeiro quadriênio.

Tabela 2. Incremento de área colhida nos anos de 2004, 2008 e 2012 para os principais cultivos em Alcobaça

Cultura	Área Colhida (ha)			% variação por período	
	2004	2008	2012	1º (2008 - 2004)	2º (2012 - 2008)
Coco-da-baía	2035	2000	1800	-1,8%	-11,1%
Café (beneficiado)	-	788	908	-	13,2%
Mandioca	1720	1440	700	-19,4%	-105,7%
Maracujá	175	210	325	16,7%	35,4%
Melancia	480	420	280	-14,3%	-50,0%
Urucum (semente)	40	277	270	85,6%	-2,6%
Mamão	359	775	225	53,7%	-244,4%
Milho (em grão)	460	125	105	-268,0%	-19,0%
Cana-de-açúcar	150	100	105	-50,0%	4,8%
Pimenta-do-reino	20	150	90	86,7%	-66,7%
Feijão (em grão)	766	259	85	-195,8%	-204,7%
Cacau (em amêndoa)	240	77	80	-211,7%	3,8%
Limão	75	100	42	25,0%	-138,1%
Banana	66	85	35	22,4%	-142,9%
Amendoim (em casca)	32	38	35	15,8%	-8,6%
Laranja	70	50	20	-40,0%	-150,0%
Abacaxi	55	15	18	-266,7%	16,7%
Borracha (látex coagulado)	10	10	10	0,0%	0,0%
Goiaba	6	4	5	-50,0%	20,0%

Fonte: IBGE (2013).

- **Itamaraju**

Em Itamaraju, a produção agrícola teve maior contribuição do grupo dos grãos, representando 63,8% da importância econômica do setor, tendo como principal produto o café (42,8% do total), seguido da produção de amêndoas de cacau (20,7%). O segundo grupo de maior importância são as frutas, que perfazem 31,5% da produção, principalmente influenciado pela produção de mamão (24,2%) e de banana (5,4%). Pode-se dizer, portanto, que as principais atividades agrícolas são o cultivo de grãos, em especial o café, e de frutíferas, em especial o mamão, ambos representando 95,3% da produção total em 2012.

Tabela 3. Principais produtos agrícolas colhidos em Itamaraju - 2012

Cultura	Área Colhida (ha)	Quantidade Produzida	Un.	Valor (R\$ 10 ³)
Abacaxi	20	600	*	451
Amendoim (em casca)	25	25	t	21
Banana	850	11.200	t	6.910
Batata - doce	20	250	t	130
Borracha (látex coagulado)	90	77	t	193
Cacau (em amêndoa)	14.000	5.600	t	26.253
Café (beneficiado)	4.250	15.540	t	54.390
Cana-de-açúcar	90	4.500	t	245
Coco-da-baía	120	780	*	328
Feijão (em grão)	60	54	t	135
Laranja	14	210	t	93
Limão	22	308	t	145
Mamão	529	37.030	t	30.735
Mandioca	1.100	16.500	t	3.465
Maracujá	40	880	t	1.408
Melancia	30	660	t	237
Milho (em grão)	130	201	t	101
Pimenta-do-reino	90	315	t	1.575
Tangerina	5	60	t	24
Urucum (semente)	110	99	t	119
TOTAL				126.958

Fonte: IBGE (2013). * = 1000 frutas

Quanto à variação de mercado dos principais grupos, pode-se observar que as áreas de produção de café estão aumentando desde 2004. Destaca-se também a retomada do plantio de cacau, maracujá, mamão e milho após queda no primeiro quadriênio. O aumento de áreas para as culturas de limão, batata-doce e seringueira também ocorreu, porém de forma mais modesta. Como culturas que perderam espaço destacam-se o abacaxi, a cana-de-açúcar, o feijão, a mandioca, pimenta-do-reino e tangerina.

Tabela 4. Incremento de área colhida nos anos de 2004, 2008 e 2012 para os principais cultivos em Itamaraju

Cultura	Área Colhida (ha)			% variação por período	
	2004	2008	2012	1º (2008-2004)	2º (2012-2008)
Abacaxi	38	25	20	-52%	-25%
Amendoim (em casca)	-	15	25	-	40%
Banana	1.235	1.240	850	0,4%	-45,9%
Batata - doce	5	15	20	66,7%	25%
Borracha (látex coagulado)	40	85	90	52,9%	5,6%
Cacau (em amêndoa)	15.783	12.751	14.000	-23,8%	8,9%
Café (beneficiado)	3.980	6.800	8.500	41,5%	20%
Cana-de-açúcar	170	150	90	-13,3%	-66,7%
Coco-da-baía	230	250	120	8%	-108,3%
Feijão (em grão)	664	140	60	-374,3%	-133,3%
Laranja	8	15	14	46,7%	-7,1%
Limão	16	20	22	20%	9,1%
Mamão	702	263	529	-166,9%	50,3%
Mandioca	1.746	2.100	1.100	16,9%	-90,9%
Maracujá	25	20	40	-25,0%	50%
Melancia	85	100	30	15%	-233,3%
Milho (em grão)	352	50	130	-604%	61,5%
Pimenta-do-reino	95	100	90	5%	-11,1%
Tangerina	6	6	5	0	-20%
Urucum (semente)	80	118	110	32,2%	-7,3%

Fonte: IBGE (2013)

• Prado

No município de Prado, o grupo mais importante na produção agrícola foram os grãos, que compreenderam 53,4% do valor gerado em 2012, possuindo também como principal representante o café (48% do total) e o cacau (4,6%). A produção de frutas também foi expressiva, representada por 42,5% do valor total produzido, tendo como principais produtos o mamão (25,3%), o coco (5%) e o maracujá (4,4%). Estes dois grupos formam a base produtiva do município, representando aproximadamente 96% de toda produção agrícola.

Tabela 5. Principais produtos agrícolas colhidos em Prado - 2012

Cultura	Área Colhida (ha)	Quantidade Produzida	Un.	Valor (R\$ 10³)
Abacaxi	130	3.900	*	2.929
Amendoim (em casca)	80	80	T	56
Banana	500	6.000	T	3.702
Borracha (látex coagulado)	100	90	T	234
Cacau (em amêndoa)	2.500	1.050	T	4.923
Café (beneficiado)	4.500	14.580	T	51.030
Cana-de-açúcar	100	4.500	T	245
Coco-da-baía	1.700	11.900	*	5.331
Feijão (em grão)	160	144	T	360
Goiaba	12	156	T	109
Laranja	20	280	T	127
Limão	25	500	T	235
Mamão	460	32.200	T	26.887
Mandioca	650	9.100	T	2.093
Maracujá	225	2.925	T	4.705
Melancia	160	3.520	T	1.184
Milho (em grão)	300	790	T	395
Palmito	30	120	T	70
Pimenta-do-reino	90	342	T	1.710
Urucum (semente)	80	68	T	82
TOTAL				106.407

Fonte: IBGE (2013). * = 1000 frutas

Pode-se observar que em Prado o aumento de cafezais se deu principalmente no segundo quadriênio, em período posterior a estabilização da produção em Itamaraju. No último quadriênio houve o advento da produção de palmito, que indica uma nova cultura em expansão no município. Também se observa a estabilização de áreas de seringais, canaviais e plantações de goiaba. Destaca-se para o período a retomada da produção de feijão, de melancia e de milho.

Tabela 6. Incremento de área colhida nos anos de 2004, 2008 e 2012 para os principais cultivos em Prado

Cultura	Área Colhida (ha)			% variação por período	
	2004	2008	2012	1º (2008-2004)	2º (2012-2008)
Abacaxi	135	80	130	-68,8%	38,5%
Amendoim (em casca)	30	50	80	40%	37,5%
Banana	535	650	500	17,7%	-30%
Borracha (látex coagulado)	96	100	100	4%	0
Cacau (em amêndoa)	2.300	2.196	2.500	-4,7%	12,2%
Café (beneficiado)	5.310	5.500	9.000	3,5%	63,7%
Cana-de-açúcar	160	100	100	-60,0%	0
Coco-da-baía	2.178	2.250	1.700	3,2%	-32,4%
Feijão (em grão)	425	90	160	-372,2%	43,8%
Goiaba	16	12	12	-33,3%	0
Laranja	45	45	20	0	-125%
Limão	200	20	25	-900%	20%
Mamão	3.245	2.697	460	-20,3%	-486,3%
Mandioca	1.832	1.650	650	-11,0%	-153,8%
Maracujá	60	150	225	60%	33,3%
Melancia	205	125	160	-64%	21,9%
Milho (em grão)	383	85	300	-350,6%	71,7%
Palmito	-	15	30	-	50%
Pimenta-do-reino	75	100	90	25%	-11,1%
Urucum (semente)	40	49	80	18,4%	38,8%

Fonte: SEI (2012). * = 1000 frutas

4.2 As feiras da Reforma Agrária e os mercados institucionais

Entre os diferentes canais de comercialização da produção agrícola no Extremo Sul, destacam-se as feiras livres, não raro, com forte presença da agricultura familiar. Segundo Pierri (2010) o estudo das feiras pode servir de base para ações governamentais mais qualificadas, pois oferece dados importantes sobre esta modalidade de mercado, o que permite inclusive valorizar esta atividade econômica. Ainda segundo a autora, as feiras livres além de um sistema local de venda, representam certa tradição regional, uma

vez que podem guardar características culturais marcantes da cidade. (Pierri, 2010).

Ademais, cabe ressaltar as tradicionais feiras realizadas pelo MST, em que se divulgam os produtos dos acampados/assentados, bem como a luta pela reforma agrária popular. Podendo ser exemplificadas pela fala de um militante do setor de produção regional do movimento:

“As feiras da reforma agrária, também conhecidas como as feiras promocionais, ou as feiras programadas, acontecem sete vezes ao ano. Sendo uma feira por brigada (ao todo seis brigadas no Extremo Sul da Bahia) e uma feira da regional, sendo que cada uma acontece em municípios estratégicos. Geralmente ocorrem entre junho e julho, em especial próximo ao dia 25 de julho na semana do trabalhador, mas há exceções, já fizemos em janeiro para aproveitar o movimento do verão, em Prado aconteceu recentemente em novembro.”²

Outro ponto de crescente importância no cenário político e sócio-econômico são os mercados institucionais, isto é, as políticas públicas alimentares como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), as quais “estão entre as alternativas mais viáveis de acesso comercial às organizações dos agricultores familiares” (Bernardes, 2014, p.29). Ainda segundo a autora o PNAE, também conhecido como merenda escolar, fornece alimentos para a educação básica da rede pública, bem como para as escolas filantrópicas voltadas para educação especial. Enquanto o PAA possui diferentes modalidades, entre elas a compra direta da agricultura familiar e a compra com doação simultânea.

Portanto é evidente o potencial das feiras livres e dos mercados institucionais, estes que por sua vez por meio das políticas públicas favorecem a compra dos agricultores organizados da agricultura familiar, de assentamentos, de populações tradicionais, agroecológicos e por outro lado beneficiam famílias em situações desfavoráveis de renda ao abastecer sejam entidades sociais, sejam escolas públicas. (Bernardes, 2014).

² Entrevista informal com militante do setor de produção regional do MST, novembro 2014.

5. METODOLOGIA

O presente estudo de mercado dividiu-se nas seguintes etapas, tendo em vista a adaptação da metodologia sugerida por Marreiros (2008):



Portanto, inicialmente para auxiliar na definição dos objetivos e no próprio plano de estudo foi realizada pesquisa bibliográfica (a qual se estendeu de forma transversal a todas as etapas, ao longo de todo o período de estágio) sobre estudo e diagnóstico de mercado, sobre outros assuntos relevantes para o tema abordado, como contexto geopolítico e histórico do Extremo Sul, a história do movimento e origem do projeto na região, bem como o contexto econômico local, os diferentes canais de comercialização e a produção agroecológica. O levantamento bibliográfico serve ainda como fonte secundária importante para compreensão do campo de estudo e para comparação com os dados primários obtidos por meio do trabalho de campo.

Consequente, foi feito o diálogo com a equipe de Porto Seguro também do Projeto Assentamentos Agroecológicos, a qual já havia iniciado o estudo de mercado para região da Costa do Descobrimento³. Assim, a fim de contribuir nesse processo em construção do diagnóstico e compreensão da dinâmica de mercado no Extremo Sul da Bahia, foi revisado o questionário semi-aberto que já havia sido aplicado junto aos feirantes da região próxima a Porto Seguro e por meio da identificação dos pontos a serem melhorados foram feitas algumas alterações a fim de trazer maior clareza e remover possíveis vieses.

³ Documento interno do projeto. Estudo de Mercado: Comercialização de produtos agrícolas na Região da Costa do Descobrimento. Porto Seguro, dezembro de 2013.

Outra revisão das questões foi feita junto à equipe da Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto visando à construção participativa e a validação do estudo para a região em torno dos sete pré-assentamentos do MST envolvidos no projeto. Também se buscou adaptar o desenvolvimento do estudo às condições locais, assim restringiu-se o objetivo a um estudo de identificação e caracterização de apenas um canal de comercialização: as feiras livres de produtos alimentícios.

Além disso, foi feito o levantamento, junto aos membros do movimento, das feiras nos municípios selecionados: Alcobaça, Itamaraju, Prado. Após a identificação das feiras, elaborou-se um cronograma de aplicação dos questionários, buscando o diálogo com os técnicos das áreas do projeto a fim de que os mesmos pudessem contribuir também.

A segunda etapa, de recolhimento dos dados e informações, caracterizou-se pelo contato inicial com a secretaria de agricultura de cada município a ser estudado. Dessa forma, por meio do diálogo com o(a) secretário(a) de agricultura de cada cidade foi possível estabelecer a relação de apoio por meio da autorização e confirmar o local e horário das feiras previamente levantadas, bem como adquirir informações complementares de interesse do trabalho.

Durante a aplicação dos questionários semi-abertos, isto é, com perguntas fechadas e abertas, seguiu-se a orientação de fazer as abordagens de modo aleatório, no entanto buscando também obter a diversidade de feirantes presentes. Assim, não foi feito um levantamento censitário, mas o maior possível segundo o tamanho da feira. As questões tinham como interesse identificar a origem e as características, isto é, o perfil dos feirantes; as informações gerais dos produtos agrícolas vendidos nas feiras (principalmente para alimentação humana) e por fim a percepção dos feirantes sobre questões como uso de agrotóxicos e produção orgânica/agroecológica. Portanto, conforme Marreiros (2008) pode-se dizer que o presente estudo tem natureza ora factual, ora relacionada à compreensão, ou seja, por um lado ele possui caráter mais quantitativo, como as características dos feirantes e dos produtos; por outro lado também possui caráter qualitativo, por exemplo, as perguntas do eixo de percepção dos feirantes.

Ademais, para auxiliar na sistematização foram feitos registros fotográficos e anotações no caderno de campo sobre a observação da estrutura e dinâmica das feiras até elementos históricos e informações sobre a comercialização local por meio das conversas informais com feirantes, moradores, funcionários das prefeituras, técnicos agrícolas e membros do movimento.

A terceira etapa constitui-se parcialmente pela análise de dados, a qual se dividiu dentro dos seguintes eixos da pesquisa:

Descrição das feiras

Características e origem dos feirantes

Dados sobre a produção

Percepção dos feirantes

Finalmente, para a parte final da terceira etapa, a de socialização dos resultados da pesquisa com os membros da equipe do projeto e com as famílias agricultoras envolvidas, elaborou-se uma metodologia diferente além da explanação oral. Assim, com o objetivo de acrescentar o lúdico e aproximar a discussão sobre o estudo da comercialização local à realidade dos camponeses, utilizou-se da técnica mais conhecida do teatro do oprimido de Augusto Boal, o teatro fórum. Tendo em vista que a comercialização é um dos gargalos da produção camponesa, por meio da intervenção teatral é possível demonstrar na cena as opressões envolvidas no universo do mercado frente aos agricultores familiares.

Segundo Canda (2012) o teatro do oprimido visa fortalecer e formar politicamente os sujeitos oprimidos, por meio da humanização e superação das opressões: sociais, psicológicas ou simbólicas. A cena é aberta para que o público, no caso deste trabalho, os próprios agricultores, possa atuar e solucionar o problema em questão que vai desde o preconceito e o desconhecimento em relação à produção agroecológica, à dependência e submissão aos intermediários. A pergunta a ser respondida foi “como fortalecer e valorizar os produtos agroecológicos da reforma agrária?”, e os próprios agricultores foram convidados a refletir e propor em cena a resolução

do conflito demonstrado. Mais importante que o fim ou a minimização da opressão relatada é o debate e a reflexão gerados.

6. RESULTADOS

Ao todo foram estudadas nove feiras livres, sendo seis em Itamaraju, duas em Prado, uma em Alcobaça, e 135 feirantes entrevistados.

6.1 As Feiras livres

6.1.1 Descrição das feiras

- **Município de Alcobaça**

O município tem origem de uma vila criada em 1772 no antigo Arraial de Itanhém, que se situava às margens do rio Itanhém, o nome Alcobaça seria, segundo a lenda, devido à ocupação de portugueses originários da cidade portuguesa também chamada Alcobaça.⁴ A cidade também faz parte da Costa das Baleias e seu litoral atrai diversos turistas.

A única feira da cidade acontece aos sábados pela manhã na Rua Vila Pena com a Avenida 7 de setembro no Centro.

Feira da Avenida: A feira caracteriza-se por ser uma feira de rua, assim, os feirantes trazem suas próprias estruturas para expor seus produtos na avenida, como as bancas de madeira, as mesas improvisadas, as lonas colocadas no chão, as carriolas e caçambas, bem como as estruturas para proteção contra o sol e a chuva, por exemplo, barracas, guarda-sol e lonas estendidas sobre a rua. Não existe um padrão de banca ou barraca, não há lixeiras suficientes, nem banheiros químicos. O tamanho da feira pode ser avaliado como médio e apresenta bom movimento de consumidores, entre eles principalmente moradores, mas também turistas.

⁴ Disponível no site da prefeitura de Alcobaça: < <http://www.pmalcobaca.ba.gov.br/a-cidade/historia/>>



Figuras 3 e 4: Fotos das estruturas e do movimento na feira de Alcobaça. (Fonte: Próprio Autor)

- **Município de Itamaraju**

O nome Itamaraju vem do vocábulo tupi cujo significado é “rio das pedras” ou ainda “pedra das árvores do rio Jucuruçu”⁵, antes de ser reconhecido como município em 1961, fazia parte do município de Prado e era um povoado denominado de Dois Irmãos, depois se tornou distrito chamado Escondido. Além disso, a localidade foi caracterizada pela presença de antigas aldeias pataxós, extração de madeira facilitada pelo rio Jucuruçu e produção de café⁶. A abertura da BR 101 trouxe expressivo crescimento para a cidade, que anteriormente se concentrava na baixada do rio e hoje possui como centro comercial a cidade alta e se desenvolve cada vez mais próximo à rodovia. A cidade ainda conta com o monte pescoço, ponto turístico que atrai pela beleza natural, trilhas e escaladas.

As seis feiras livres que acontecem no município são: Marotinho, Cidade Alta, Cristo Redentor, Tarcisão, Urbis 2 e Várzea Alegre.

Marotinho: A feira do Marotinho, ao lado do mercado municipal, é também conhecida por feira da Cidade Alta, pois ocorre na cidade alta no bairro Marotinho, mais exatamente na travessa Gerson. A parte dos produtos das farinheiras fica no galpão mais acima da rua e funciona de segunda a sábado, já a parte da feira de produtos agrícolas em geral (grande parte comercializada na parte de baixo da feira, cuja cobertura e estrutura foram feita

⁵ Disponível no site do IBGE: <

<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=291560&search=bahia|itamaraju|infograficos:-historico>>

⁶ Disponível no site Bahia Turismo: < <http://bahia.com.br/cidades/itamaraju/?submit=ir>>

pelos próprios feirantes) funciona somente de sábado pelo período matutino. Nesta parte da feira não pagam nenhuma taxa para prefeitura, no entanto alguns vendedores que deixam a banca de madeira e algumas mercadorias no local pagam uma taxa para o guarda noturno. A maior parte das bancas é feita de madeira e um menor número de feirantes expõe seus produtos em lonas no chão. Não há lixeiras suficientes e tanto o tamanho quanto o movimento da feira pode ser considerado grande.



Figura 5 e 6: Alimentos derivados da mandioca e outros no Mercado Municipal de Itamaraju, também conhecido como feira do Marotinho e parte da feira onde ficam os feirantes de hortifruti, com detalhe da cobertura feita por eles mesmos. (Fonte: Próprio Autor)

Cidade Baixa: Esta feira localiza-se na cidade baixa, ocorre aos sábados pela manhã, e atualmente está em decadência, poucos vendedores permaneceram, devido ao esvaziamento do local com a transferência do centro comercial e bancos para cidade alta e com a concorrência da feira do Marotinho que é mais cheia e melhor localizada (centro/cidade alta). A feira possui estruturas como galpão coberto, boxes, banheiros e algumas bancadas de cimento, parte do espaço é ocupado com as bancas de madeira dos próprios feirantes. No entanto, toda a estrutura da feira, desde a cobertura (telhado solto e com goteiras), aos boxes, às bancadas e aos banheiros, está deteriorada. Muitos boxes destinados às lanchonetes foram abandonados e atualmente alguns são ocupados por moradores de rua ou bares, assim, muitos dos feirantes reclamam da precariedade que o local se encontra, bem como do fato dos moradores de rua e dependentes químicos que habitam e/ou freqüentam o local, por atrapalharem o trabalho deles na banca e incomodarem os clientes.



Figuras 7 e 8: Fotos da feira Cidade Baixa, na primeira é possível observar as falhas da cobertura do galpão. (Fonte: Próprio Autor)

Várzea Alegre: A feira localiza-se no Bairro Várzea Alegre e fica em uma das entradas da cidade de quem vem de Teixeira de Freitas ao lado da BR 101. Historicamente a feira acontece há aproximadamente seis anos e foi iniciada por agricultores do MST⁷.

A feira é realizada na própria rua que é bem arborizada e ao ar livre, ocorre aos domingos no período da manhã. Cada vendedor traz sua banca, que na maior parte das vezes é de madeira, algumas possuem cobertura, outros cobrem com lonas, há ainda os feirantes que vendem os produtos no chão em cima de uma lona ou na carroceria do carro. Pode-se considerar uma feira de tamanho médio e o movimento bom, há de certa forma uma organização, mas faltam lixeiras e banheiros.

⁷ Entrevista informal com militante do setor de produção do MST, novembro 2014.



Figura 9: Vista da rua onde ocorre a Feira da Várzea Alegre com destaque para a arborização. (Fonte: Próprio Autor).

Cristo Redentor: A feira acontece no bairro Cristo Redentor aos domingos no período da manhã. Como se trata de uma feira de rua, os vendedores improvisam suas bancas com madeira, lona no chão e até com os próprios contentores de armazenar os produtos. Alguns possuem cobertura como lona e guarda-sol, não há banheiros nem lixeiras apropriadas. O tamanho da feira é pequeno e o movimento de consumidores razoável.



Figuras 10 e 11: Fotos da feira Cristo Redentor com as duas principais formas de expor os produtos, na banca de madeira e na lona no chão. (Fonte: Elielson Loures)

Urbis 2: A feira acontece aos domingos pela manhã, na rua e na praça do bairro Urbis 3 (apesar da feira ser conhecida como Urbis 2), a maior parte

dos vendedores possui barracas ou bancas próprias, tem também aqueles que vendem seus produtos apenas na lona estendida no chão ou ainda na caçamba/ carriola. Existe já há 15 anos segundo uma das feirantes. Mas movimento caiu depois que surgiram as outras feiras nos bairros próximos como Várzea Alegre e Cristo Redentor. A feira possui tamanho médio e apesar da aplicação do questionário ter sido no domingo de eleição, havia movimento de consumidores. Assim, como nas outras feiras, observou-se a ausência de lixeiras e banheiros.



Figuras 12 e 13: Fotos das feiras Urbis 2 e Tarcisão, respectivamente, com destaque para a BR 101 ao lado da feira Tarcisão (Fonte: Próprio Autor)

Tarcisão: A feira ocorre aos domingos de manhã, no bairro Tarcisão, na rua de terra ao lado da BR 101, em frente ao posto da Polícia Rodoviária. É uma feira mais recente. Como era dia de eleição estava bem vazia, faltaram muitos feirantes e quase nenhum consumidor apareceu durante a aplicação dos questionários. Não existe nenhuma estrutura, não há lixeiras, nem banheiros. Os feirantes, predominante mulheres, improvisam bancas de madeiras ou ainda expõem seus produtos em lonas no chão ou na própria carriola. Vale ressaltar que algumas feirantes são moradoras do bairro e vendem o que colhem em seus próprios quintais produtivos.

- **Município de Prado**

Prado originou-se de uma aldeia indígena descendente da tribo Aimoré que vivia no litoral à esquerda das margens do rio Jucuruçu em meados de 1755.

Atualmente a cidade está na rota turística da Costa das Baleias que também integra além de Prado, Alcobaça, Caravelas, Nova Viçosa e Mucuri.⁸

No município de Prado as duas feiras que acontecem na cidade, do Centro, a principal também conhecida como a feira de Prado e do bairro São Sebastião, bem menor.

Centro: A feira acontece no mercado municipal, no centro da cidade, que funciona também durante os dias da semana, no entanto, sábado pela manhã é o dia em que mais vendedores participam em especial os produtores da região. O movimento é maior no verão, temporada em que a cidade recebe maior número de visitantes turistas e aquece o mercado do município. Tal contexto faz com que o movimento seja menor fora de temporada e que os feirantes sintam falta de consumidores, uma das reclamações mais frequentes nos diálogos durante a aplicação dos questionários. O espaço apresenta boa estrutura com cobertura em bom estado, bancas de cimento, boxes, banheiros e algumas lixeiras. No entanto, uma dificuldade encontrada é que os banheiros freqüentemente encontram-se fechados. O tamanho da feira pode ser definido como grande e o movimento de consumidores como alto, apesar de estar na baixa temporada.



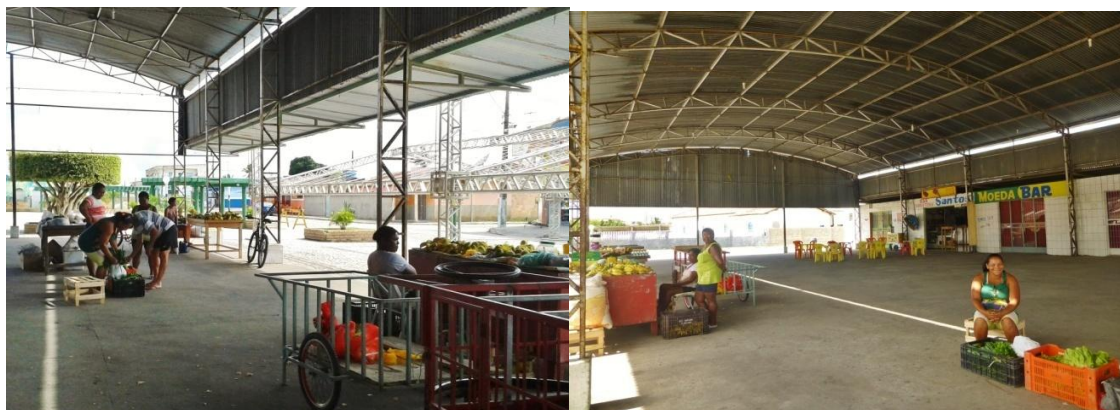
Figuras 14 e 15: Fotos da feira do Centro com oferta variada de produtos alimentícios, detalhe para as bancas de cimento e para equipe que aplicou os questionários no dia. (Fonte: Próprio Autor)

São Sebastião: A feira ocorre no bairro São Sebastião aos sábados pela manhã, no entanto, ultimamente a freqüência com movimento maior tem sido quinzenalmente. O histórico da feira é interessante, pois se iniciou com

⁸ Disponível no site da prefeitura de Prado: < <http://www.pradobahiaBrasil.com.br/historia.html> >

produtores da reforma agrária, porém hoje só participam pontualmente durante a feira da reforma agrária. Os fatores que contribuíram para o esvaziamento dos feirantes foram a transformação dos boxes de açougue em bares, que trouxeram barulho e sujeira para o local (segundo os feirantes entrevistados) e a suspensão do ônibus da prefeitura que auxiliava na logística de transporte dos agricultores para a feira.

A estrutura do espaço amplo com cobertura é boa, como não há bancas de cimento, os poucos feirantes que ainda comercializam no local, improvisam com bancas de madeira ou expõem seus produtos em caixas no chão mesmo. Além disso, não foi observado número de lixeiras suficientes, mesmo sendo pequenos o tamanho e o movimento da feira.



Figuras 16 e 17: Fotos da Feira São Sebastião com baixíssimo movimento tanto de feirantes quanto de consumidores, destaque para os bares ao fundo da segunda imagem. (Foto: Próprio Autor)

6.1.2 Características e origem dos feirantes

Os feirantes foram divididos pela natureza de atividade comercial em intermediários, produtores, produtores que também são intermediários, produtores assentados ou acampados e produtores assentados ou acampados que também são intermediários.

No município de Alcobaça foram entrevistados um total de 17 feirantes, 6 eram intermediários, 6 produtores, 1 era produtor assentado do Assentamento 40-45 e 4 eram produtores e intermediários. Dentre os produtores, outro fator interessante é a participação da associação quilombola.

Em Itamaraju a quantidade de feirantes que são intermediários é expressiva e maior do que aquela de feirantes que são estritamente produtores, sendo

eles de áreas de reforma agrária ou não. Do total de 90 entrevistados 41 são intermediários, enquanto 21 são apenas produtores e 12 produtor-intermediário. Os produtores assentados/acampados são 16 ao todo, destes 2 são além de produtores também intermediários, sendo que as áreas citadas foram: Bela Vista, Corte Grande, Cruz do Ouro, Fábio Santos, Jaci Rocha, Pau Brasil, Plínio Luiz Sampaio, Projeto Guaíra, São Francisco e São João.

Em Prado as duas feiras, em especial a do Centro, possuem expressiva participação de produtores (de modo geral), no total foram 29 entrevistados desses apenas 7 são intermediários. Dos 22 produtores, 6 são assentados ou acampados das áreas São João, 40-45, 1º de abril e Rosa do Prado, 2 desses além de assentados são também intermediários. Outros feirantes que são ao mesmo tempo produtores e intermediários contabilizaram 7 e outros feirantes apenas produtores (sem ser assentado ou intermediário) totalizaram 9.

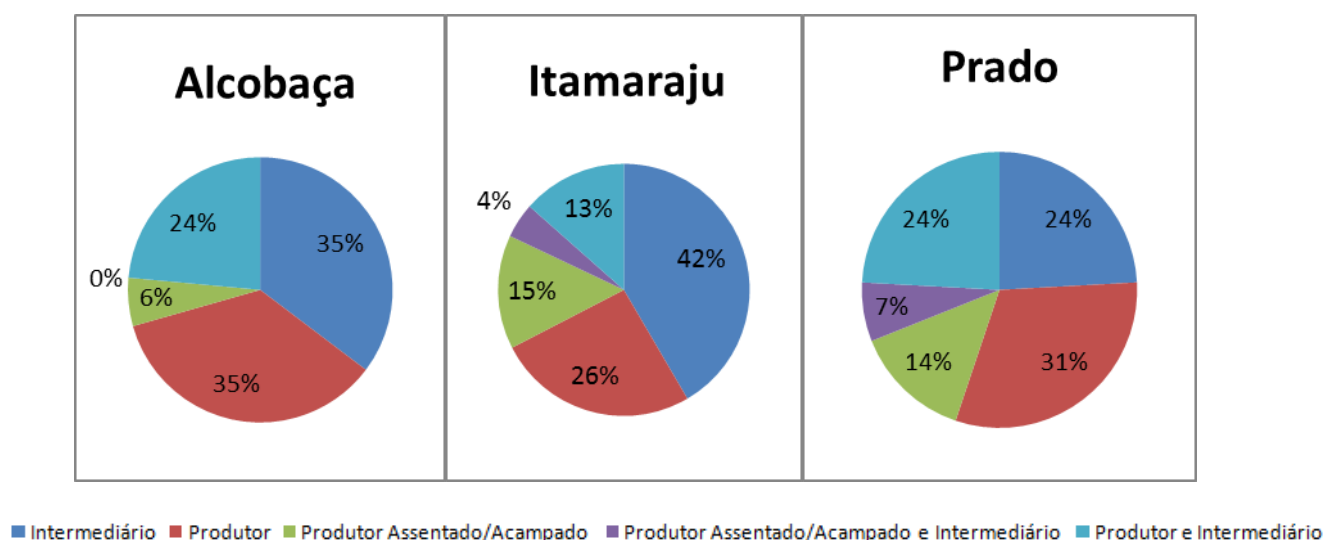


Figura 18: Gráficos da natureza dos feirantes por município.

Conforme os gráficos, é possível afirmar que Prado é o município cuja presença de feirantes agricultores é mais expressiva seguido de Alcobaça, enquanto Itamaraju possui a maior presença de intermediários das três cidades.

Cabe ainda ressaltar os dois tipos encontrados dentro da natureza produtor-intermediário. Foi possível observar os produtores intermediários que são essencialmente produtores e apenas vendem alguns produtos de vizinhos para além de ajudar o outro, complementar a própria banca; e aquele produtor-

intermediário que está mais intermediário, ou seja, basicamente compra os alimentos que comercializa na banca, mas por ter também uma terra ou quintal com pequena produção, quando colhe algo, também vende na banca. Além disso, foram considerados produtores casos como feirantes que produzem queijo, bolo e sabão, no entanto, vale ressaltar que nem sempre os mesmos produziam a matéria prima para fazerem o produto processado.

Na Tabela 7 é possível visualizar quais áreas de reforma agrária foram identificadas nas feiras, é interessante ressaltar a presença de agricultores dos pré-assentamentos Jaci Rocha e São João, os quais fazem parte do Projeto Assentamentos Agroecológicos. Porém isto não exclui que existam agricultores de outros acampamentos e ou assentamentos que comercializam nas feiras livres, pois a aplicação dos questionários foi feita por amostragem.

Tabela 7: Assentamentos e acampamentos que possuem agricultores feirantes nos municípios estudados:

Alcobaça	Itamaraju	Prado
40-45	Bela Vista	1º de Abril
	Corte Grande	40-45
	Cruz do Ouro	Rosa do Prado
	Fábio Santos	São João
	Jaci Rocha	
	Pau Brasil	
	Plínio Luiz Sapaio	
	Projeto Guaira	
	São Francisco	
	São João	

Dos 135 entrevistados, 123 eram proprietários da banca e apenas 12 funcionários. Dos funcionários, é possível dizer que a maior parte trabalhava para bancas de feirantes intermediários (58% - 7 de 12), seguido dos produtores e intermediários (25% - 3 de 12) e muito pouco para produtores (17% - 2 de 12). Da amostra de feirantes não entrevistamos nenhum funcionário de banca de produtor assentado/acampado ou de produtor assentado/acampado e intermediário.

Foi realizado também o recorte sobre a equidade de gênero dos feirantes participantes do estudo, com o intuito de ilustrar se existe o predomínio de algum dos gêneros nesta atividade. A Figura 4 apresenta os dados da relação de gênero para os três municípios estudados.

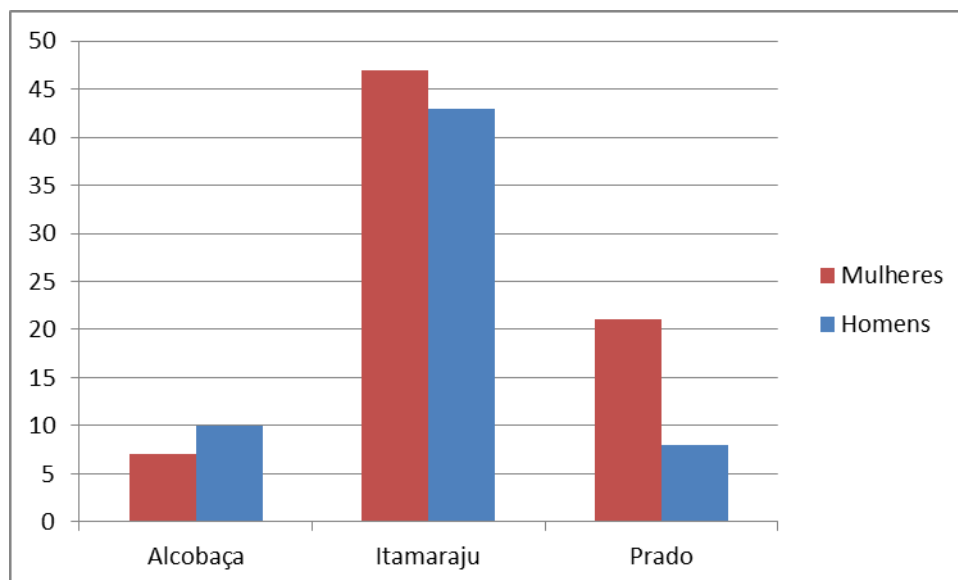


Figura 19: Gráfico da relação de gênero dos feirantes

Pode-se observar que em Alcobaça e Itamaraju existe maior equidade entre os gêneros, uma vez que a diferença entre feirantes mulheres e feirantes homens é pequena. Enquanto no município de Prado a participação das mulheres nas feiras é significativamente maior, demonstrando maior inclusão da mulher nesta atividade.

Pela análise do gráfico sobre a origem dos feirantes (Figura 20) é possível observar que a maior parte deles vem realmente do mesmo município onde vendem na feira. Em Alcobaça 94,12% dos feirantes são oriundos do próprio município de Alcobaça (16 de 17), tanto da zona urbana quanto da rural, bem como de comunidades como Pedra d'água, Porto do Campo, São Bernardo e São José. Em Itamaraju 79% dos feirantes são de Itamaraju mesmo (70 de 89), outros vêm de cidades como Itabela, Teixeira e um vinha inclusive de Vitória no Espírito Santo e um do distrito chamado Guarani que apesar de ser de Prado é muito mais próximo de Itamaraju. Em Prado 83% são provenientes do próprio município (24 de 29), contemplando as comunidades rurais de Duas Barras, Oiteiro e Pontinha, também tem feirantes que vêm de Cumuruxatiba, Guaratiba, Itamaraju e Itabela. É importante frisar que esses

dados se referem à origem dos feirantes e não dos produtos comercializados por eles, no próximo tópico: “dados da produção” será vista a origem os produtos das feiras.

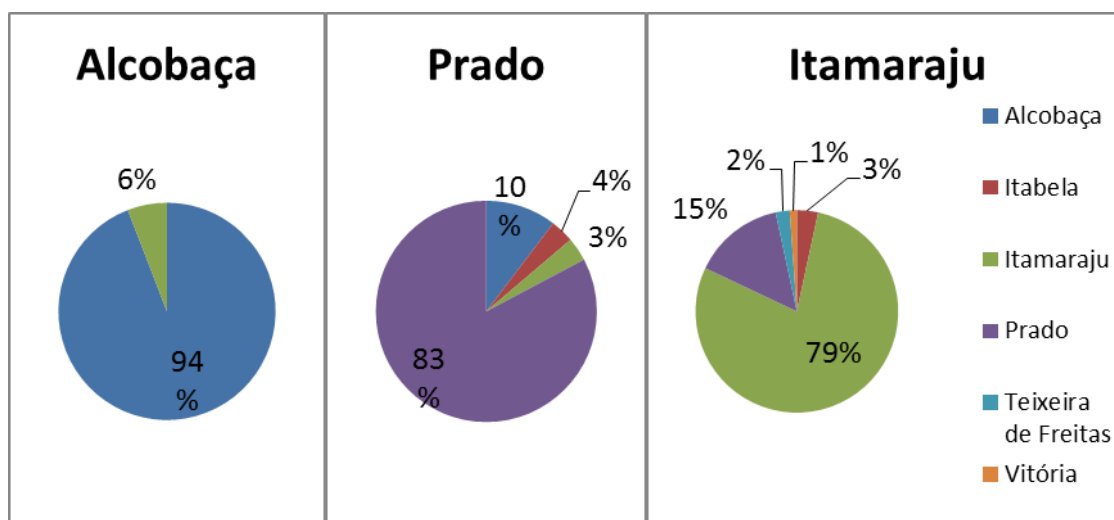


Figura 20: Gráfico da origem dos feirantes para os três municípios estudados

De acordo com as respostas sobre como o feirante intermediário (seja ele também produtor ou não) adquire os produtos foi feita a representatividade de cada fonte de aquisição por município (Tabela 8). As categorias apresentadas não são exclusivas a um feirante, este em alguns casos, utilizou-se de mais de uma fonte de aquisição.

Tabela 8: Relação entre as fontes de aquisição dos produtos comercializados citadas pelos feirantes Intermediários, Produtores e Intermediários e Produtores Assentados/Acampados e Intermediários:

Fontes de Aquisição	Alcobaça	Itamaraju	Prado
Caminhões Ceasa	21%	12%	23%
Caminhões Fazendas	14%	18%	7%
CEASA	7%	8%	7%
Fábrica/Laticínio	-	3%	3%
Feira	14%	11%	7%
Locais venda carne	7%	9%	-
Mercado	-	7%	7%
Produtor	36%	30%	47%
Locais venda peixe	-	2%	-

Em Alcobaça a maior parte dos produtos comercializados na feira, no caso dos intermediários, é feita pela compra direta do produtor, pois 36% das

fontes de aquisição citadas foi produtor (5 citações das 14 fontes citadas), ou seja, entre o consumidor e o produtor existe apenas uma pessoa na cadeia de comercialização. Prado também segue esse mesmo padrão, sendo ainda mais significativo com 47% das fontes citadas sendo a compra do produtor (14 citações de 30). Isso pode ser explicado pelo elevado número de produtores que são também intermediários, uma vez que muitos trazem para a feira além da própria produção, produtos dos seus vizinhos, inclusive aqueles oriundos de áreas de reforma agrária. Itamaraju por sua vez apesar de possuir como fonte mais citada de aquisição também o produtor (30% - 23 citações de 76), possui maior diversidade de fontes mencionadas pelos intermediários, sendo expressiva também a aquisição dos produtos vendidos pelos caminhões de fazendas (18% - 14 de 76) e pelos caminhões do CEASA (12% - 9 de 76). Em Alcobaça os caminhões do CEASA e das fazendas também são fontes relevantes de aquisição de produtos alimentícios para comercialização nas feiras, sendo os valores 21% (3 de 14) e 14% (2 de 14) respectivamente.

Sobre o principal meio utilizado pelos feirantes produtores (oriundos da reforma agrária ou não, intermediários ou não) para transportarem seus produtos é possível observar como se dá a logística da comercialização nas feiras para cada município estudado (Figura 21).

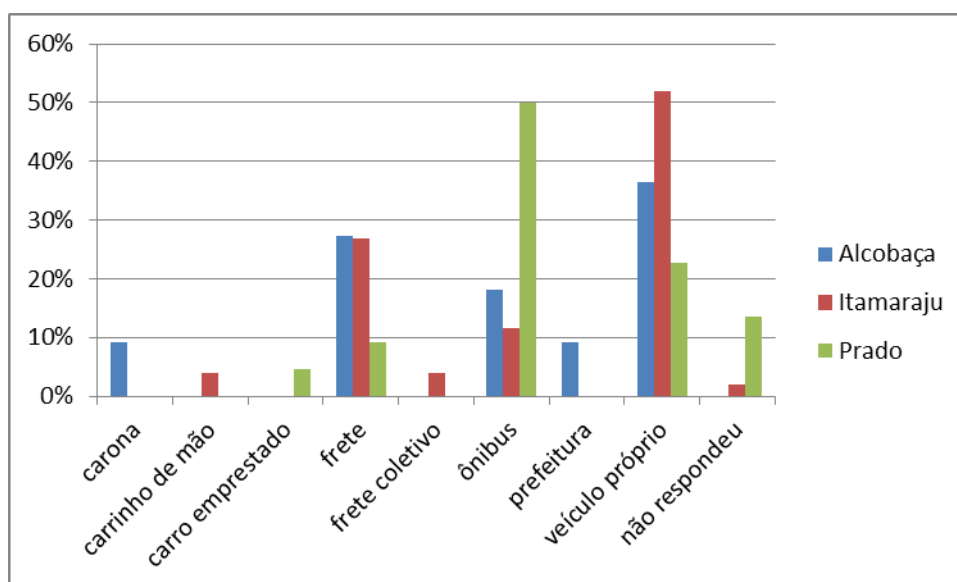


Figura 21: Gráfico sobre o principal transporte utilizado pelos feirantes produtores, produtores assentados/acampados, produtores e intermediários, produtores assentados/acampados e intermediários.

Pela análise do gráfico pode-se dizer que em Alcobaça predomina o uso de veículo próprio (36% - 4 de 11) e frete (27% - 3 de 11), em Itamaraju aparecem também veículo próprio (52% - 27 de 52) e frete (27% - 14 de 52), enquanto em Prado o meio mais citado foi o ônibus (50% - 11 de 22) seguido do veículo próprio (23% - 5 de 22). É interessante ressaltar também em Itamaraju o uso de frete coletivo e carrinho de mão, este por sua vez foi característico da feira do Tarcisão, em que parte dos feirantes produtores é de moradores do bairro local e comercializam os produtos de seus quintais produtivos. Outro ponto é o transporte feito pela prefeitura em Alcobaça que é importante uma vez que possibilita o acesso de produtores que não possuem outros meios para irem vender seus produtos na feira. Por fim, cabe ainda destacar que aqueles que se utilizam do ônibus, além do preço da passagem, pagam um valor adicional por volume embarcado.

Sobre o destino das sobras (Figura 22) os dados se referem ao tipo de destino dado às sobras da feira, desse modo, é possível que o mesmo entrevistado tenha respondido mais de um tipo de destino. Assim, as porcentagens se referem ao total de respostas sobre os diferentes destinos e não ao total de feirantes, ao todo foram 177 respostas de destino para as sobras, enquanto os entrevistados totalizam 135.

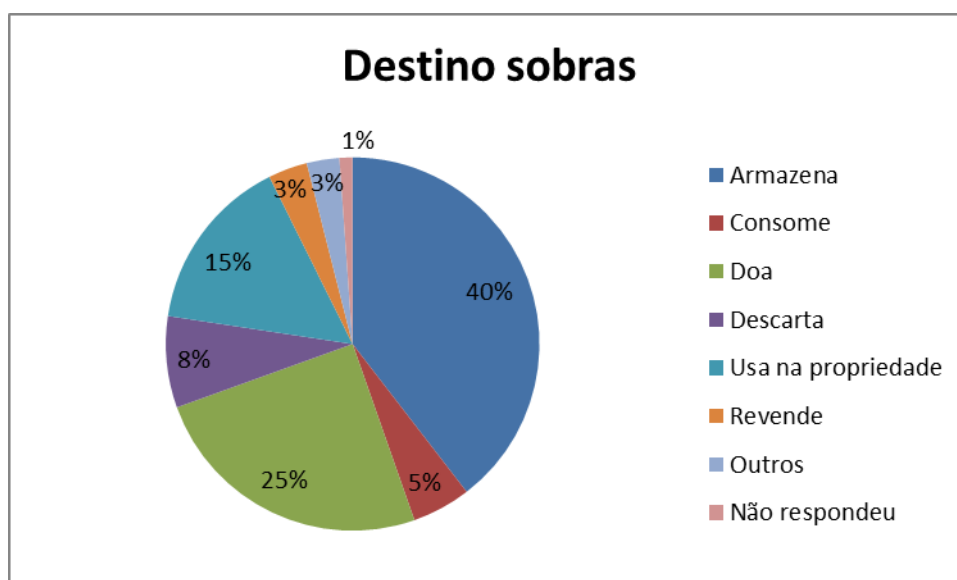


Figura 2: Gráfico com os dados gerais do destino dado aos produtos não vendidos até o final da feira

Desse modo, pode-se dizer que o mais comum é armazenarem os produtos que não são vendidos no dia da feira (45% - 70 respostas de 177), seguido de doação (25% - 44 respostas de 177), uma vez que os produtos que não perecem tão rapidamente são viáveis de armazenamento para venda em outro dia, enquanto os produtos mais perecíveis para não descartar muitos preferem doar. Uma porcentagem significativa de destino para as sobras foi o uso na propriedade (15% - 27 de 177), por exemplo, para alimentação dos animais e para cobertura do solo. A quantidade de alimentos que são descartados ao final da feira também é relevante (8% - 14 de 177) apesar de menor que a reutilização. Apareceu também em menor quantidade o consumo dos alimentos que sobram, em menor quantidade ainda: a revenda dos produtos para outros comerciantes ao final da feira, a devolução ao CEASA (no caso de um intermediário que comprava produtos dessa fonte de aquisição), a troca entre feirantes e, no caso de um vendedor de peixes, o salgar.

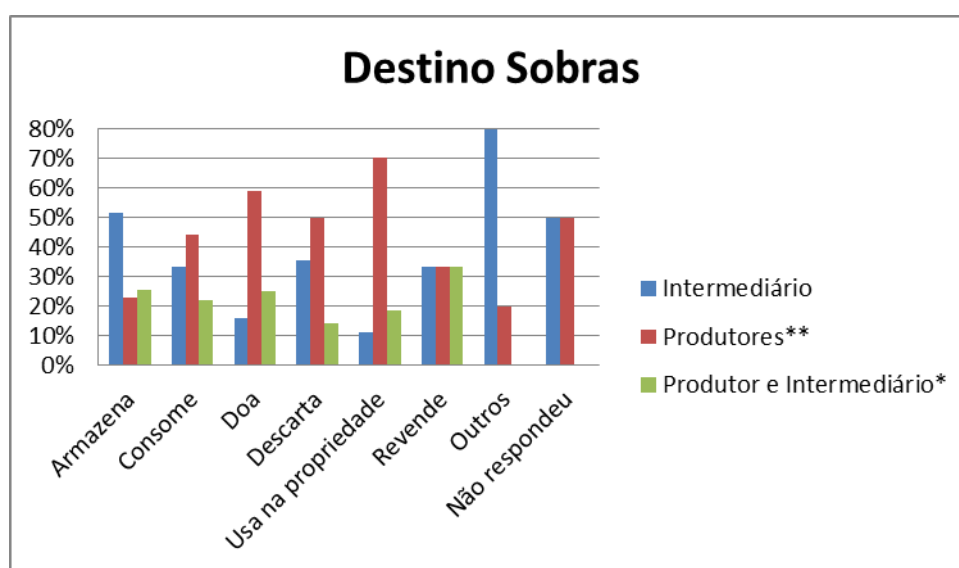


Figura 23: Gráfico da relação entre o destino dado às sobras da feira por natureza do feirante entrevistado⁹

A fim de ilustrar a participação de cada natureza segundo os diferentes modos de lidar com as sobras da feira é possível visualizar no gráfico (Figura 23) que um pouco mais da metade dos alimentos armazenados é feito por parte dos intermediários, 36 das 70 respostas “armazena” foram de intermediários (51%). As categorias, de destino para as sobras, consome, doa,

⁹ Destaca-se que na natureza Produtores** foram incluídas duas naturezas: produtores e produtores assentados/acampados.

descarta e usa na propriedade tiveram como natureza de feirante mais ocorrente a de produtores**. Dos feirantes que responderam outras destinações como devolve ao Ceasa (2), não sobra (1), salga (1) e troca (1) 80%, 4 de 5, eram intermediários e os que não responderam (2) um era intermediário e o outro produtor**.

Tabela 9: Relação entre o número de feiras realizadas na semana por natureza de feirante para os três municípios estudados¹⁰

Número feiras/semana	Alcobaça	Itamaraju	Prado
Uma feira apenas	82%	44%	90%
- Intermediário	29%	23%	27%
- Produtor	43%	33%	31%
- Produtor Assentado/Acampado	7%	26%	8%
- Produtor e Intermediário*	21%	18%	35%
Duas feiras ou mais	18%	56%	10%
- Intermediário	67%	56%	-
- Produtor	-	20%	33%
- Produtor Assentado/Acampado	-	6%	67%
- Produtor e Intermediário*	33%	18%	-

De acordo com a Tabela 9 é possível dizer que a maior parte dos produtores e dos produtores assentados/acampados comercializa em apenas uma feira na semana para os três municípios. Em Alcobaça dos feirantes que participam apenas de uma feira por semana 50% (7 de 14) são produtores (assentados/acampados inclusive), em Itamaraju esses mesmos contabilizam 59% (23 de 39) e em Prado 39% (10 de 26). Quando se observa a venda em duas ou mais feiras na semana a presença maior é de intermediários, exceto para a cidade de Prado em que 90% dos entrevistados comercializam apenas em uma feira enquanto os outros 10% comercializam em duas feiras, sendo que desses 10% todos são produtores (assentados/acampados ou não). Assim, em Itamaraju dos feirantes que vendem em duas ou mais feiras na semana 56% são intermediários (28 de 50) e em Alcobaça apenas 3 vendem em duas ou mais feiras desses 2 são intermediários (67%) e um é produtor-intermediário (incluindo os produtores assentados/acampados que são também intermediários).

¹⁰ Destaca-se que na natureza Produtor e Intermediário* incluíram-se também os produtores assentados/acampados que são ao mesmo tempo intermediários.

6.1.3 Dados da produção

Para a análise dos produtos comercializados nas feiras estudadas, utilizou-se como referência a classificação de alimentos adotada pelo estudo realizado pela equipe do projeto na Costa do Descobrimento, assim os produtos foram divididos nos grupos: frutas, hortaliças, sementes e grãos, raízes e tubérculos, alimentos processados, alimentos de origem animal, temperos e medicinais. Logo, as diferentes classes auxiliam no processo de compreensão da diversidade de produtos ofertados nas feiras livres das cidades de Alcobaça, Itamaraju e Prado.

Tabela 10: Lista dos produtos identificados nas feiras livres de Alcobaça, Itamaraju e Prado pela tipologia:

TIPO DE PRODUTOS	PRODUTOS IDENTIFICADOS NAS FEIRAS LIVRES	TOTAL DE DIVERSIDADE
FRUTAS	abacaxi, banana caturra, banana nanica, banana ourinho, banana prata, banana da terra, cacau, coco, cupuaçu, eugênia, fruta pão, goiaba, graviola, ingá, jaboticaba, jaca, jenipapo, laranja, limão, maçã, mamão, manga, maracujá, melância, melão, mexirica, pêra, tangerina, tanja, uva	30
HORTALIÇAS	abóbora, abóbora picada, abobrinha, agrião, alface, almeirão, berinjela, brocolis, bucha, cebolinha, chuchu, coentro, couve, couve picada, couve-flor, espinafre, jiló, maxixe, mostarda, pepino, pimentão, quiabo, quiabo picado, repolho, rúcula, salsa, taioba, tomate, tomate cajá, tomatinho	30
SEMENTES E GRÃOS	amendoim, andu, arroz, cabaça, café, fava, feijão, feijão carioca, feijão de corda, feijão fradinho, feijão verde, milho, milho verde, semente de coentro, trasagem	15
RAÍZES E TUBÉRCULOS	aipim, aipim descascado, alho, batata, batata doce, batatinha, beterraba, beterraba picada, cana picada, cebola, cebola roxa, cenoura, inhame	13
ALIMENTOS PROCESSADOS	açúcar, beiju de coco, beiju de massa, beiju de palha, beiju de puba, beiju de rolo, beiju de sal, biscoito doce, biscoito de polvilho, bolo, bolo de aipim, chimanguinho, chimanguinho de queijo, cocada, dendê, farinha branca, farinha amarela, farinha de tapioca, goiabada, goma, goma do sertão, manteiga, massa de aipim, óleo, óleo de coco, pão de queijo congelado, polpa de abacaxi, polpa de acerola, polpa de cacau, polpa de goiaba, polpa de graviola, polpa de jenipapo, polpa de maracujá, puba, queijo, queijo coalho, queijo cozido, queijo fresco, queijo minas, queijo palito, queijo provolone, requeijão, rapadura, tapioca, tapioca com coco, tapioca goma, xarope	47
ALIMENTOS DE ORIGEM ANIMAL	bucho, camarão, carne de boi, carne de porco, carne de frango, coração, fato, galinha, geléia de mocotó, língua, lingüiça caseira, mel, melado, mocotó, ovo, ovo caipira, peixes de sal, peixes de água doce, rim, toicinho, tripa	21

TIPO DE PRODUTOS	PRODUTOS IDENTIFICADOS NAS FEIRAS LIVRES	TOTAL DE DIVERSIDADE
TEMPEROS e MEDICINAIS	açafrão, alecrim, babosa, boldo, canela, cominho, corante, cravo, erva doce, hortelã, louro, manjerição, manjerição roxo, menta, noz moscada, orégano, pimenta, pimenta do reino, pimenta do reino em grão, pimenta malagueta, pimenta malagueta em conserva, pimenta olho de peixe, pimenta riba saia, poejo, palma, tempero baiano, tempero verde	27

Portanto, pela análise da Tabela 10, identificou-se a elevada diversidade de produtos oferecidos nas diferentes feiras estudadas. Destaca-se a grande variedade de alimentos processados, em especial derivados da mandioca. Apesar de ser possível encontrar, nas feiras, grande parte de alimentos não típicos da região e da estação como cebola, alho, batata, repolho, uva, pêra, maçã, entre outros; existe também a oferta expressiva de alimentos não convencionais e locais como os temperos e as plantas medicinais, jenipapo, graviola, eugênia, maxixe, andu, fava, inhame, coentro, corante, fruta pão, entre outros.

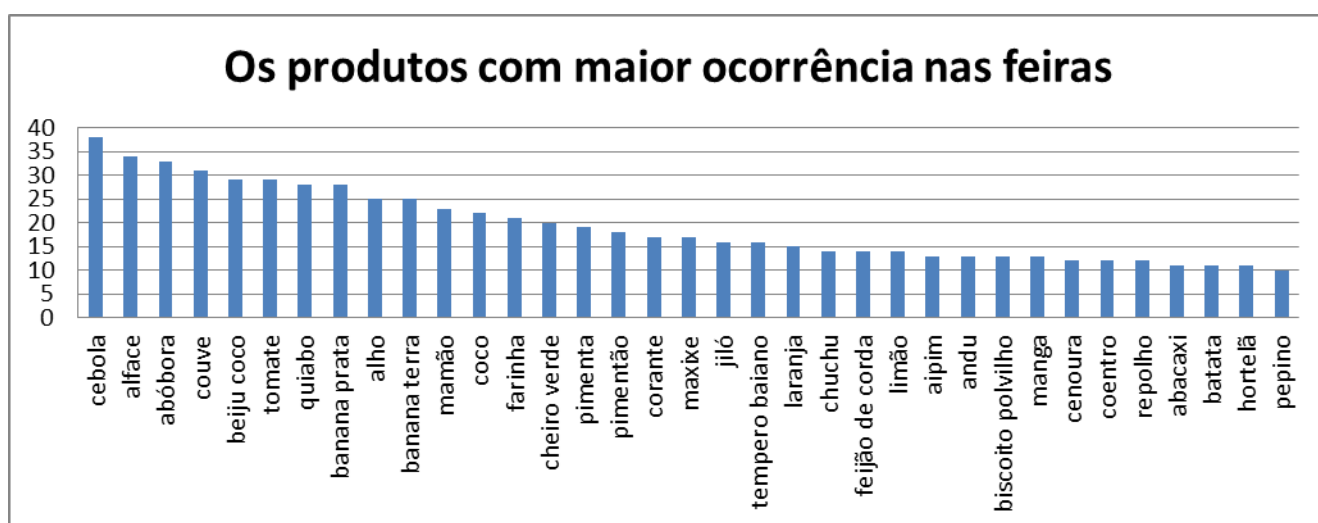


Figura 24: Gráfico dos alimentos com maior número de feirantes que os comercializam

Ademais, foi feito o recorte dos principais produtos vendidos na feira, considerou-se os produtos que eram comercializados por dez ou mais feirantes nas três feiras estudadas. Pode-se observar que é alta a frequência de alimentos comuns da região como as hortaliças folhosas, o beiju, as bananas, a farinha, o andu, o coco, o corante, entre outros. Mas são frequentes também

alimentos cuja origem é de outros locais, inclusive de outros estados, como cebola, laranja, alho, a manga, a batata, entre outros.

Tendo em vista os alimentos de maior ocorrência nas feiras, bem como os produtos vendidos em maior quantidade foi elaborada a tabela abaixo a qual também demonstra o preço médio desses alimentos e o fluxo monetário aproximado gerado pela venda deles no conjunto das feiras estudadas.

Tabela 11: Produtos de maior ocorrência e relevância em termos de quantidade e ocorrência nas feiras dos municípios estudados¹¹

Produto	Quantidade total		Preço médio		Fluxo monetário/produto
Abacaxi	2428	Unidades	R\$ 3,60	Unidade	R\$ 8.740,80
Abóbora	937	Unidades	R\$ 2,60	Unidade	R\$ 2.436,20
Alface	2620	Maços	R\$ 0,98	Maço	R\$ 2.567,60
Banana prata	1320	Pencas	R\$ 1,90	Penca	R\$ 2.508,00
Banana terra	2964	Pencas	R\$ 3,50	Penca	R\$ 10.374,00
Banana outras	772	Pencas	R\$ 2,00	Penca	R\$ 1.544,00
Beiju coco	1174	Pacotes	R\$ 3,00	Pacote	R\$ 3.522,00
Cebola	2845	Kg	R\$ 3,00	Kg	R\$ 8.535,00
Cheiro verde	823	Maços	R\$ 1,00	Maço	R\$ 823,00
Coco	720	Unidades	R\$ 1,25	Unidade	R\$ 900,00
Coentro	735	Maços	R\$ 1,00	Maço	R\$ 735,00
Couve	933	Maços	R\$ 1,00	Maço	R\$ 933,00
Farinha	4020	Litros	R\$ 2,00	Litro	R\$ 8.040,00
Laranja	4495	Kg	R\$ 1,60	Kg	R\$ 7.192,00
Mamão	1788	Unidades	R\$ 0,95	Unidade	R\$ 1.698,60
Quiabo	1086	Kg	R\$ 2,80	Kg	R\$ 3.040,80
Tomate	2294	Kg	R\$ 2,15	Kg	R\$ 4.932,10

Desse modo, é notória a quantidade de laranja (4.495 kg), farinha de mandioca (4.020 litros), banana da terra (2964 pencas), cebola (2845), alface (2620 maços), abacaxi (2428 unidades) e tomate (2294 kg) comercializados nas feiras de Alcobaça, Itamaraju e Prado. Sendo os produtos que geram maior fluxo monetário nas feiras a banana da terra em primeiro lugar, seguida do abacaxi, cebola, farinha e tomate.

¹¹ Esses valores são aproximados, uma vez que foi feita amostragem dos feirantes nas feiras e a conversão de alguns valores das respostas a fim de padronizar as unidades de quantidade e valor de venda.

Além disso, a partir da análise dos dados obtidos é possível inferir que a maior parte do abacaxi vendido nas feiras vem de Feira de Santana/BA (aproximadamente 2000 unidades), em seguida de Cruz das Almas/BA e do Espírito Santo, a participação do Extremo Sul¹² foi a menor origem com aproximadamente 80 unidades apenas.

Para outros cultivos também de relevância nas feiras (haja vista o gráfico da Figura 21 e a Tabela 11), tais como abóbora, alface, banana prata, beiju de coco, coco, cheiro verde, farinha e mamão, a origem predominante foi o próprio Extremo Sul, com destaque para no caso do beiju de coco das 804 unidades de origem na região 400 vêm da comunidade da Pontinha.

Já a cebola e a laranja vem principalmente de outras regiões, sendo que aproximadamente 400 kg de cebola vêm de Feira de Santana, grande parte também vem do Espírito Santo e Cruz das Almas. Para a laranja foram estimados que 2500 kg são originais de Feira de Santana e 1125 kg tem origem em Cruz das Almas, grande parte tem origem também no Espírito Santo.

Por fim as bananas da terra e os tomates encontrados nas feiras são originários em parte da região e em parte de outras localidades, no caso da banana da terra aproximadamente 1500 pencas vêm de Feira de Santana enquanto 1400 são do próprio Extremo Sul e para o tomate por volta de 650 kg também são do Extremo Sul e aproximadamente 395 kg originam do Espírito Santo.

6.1.4 Percepção dos feirantes

Nesta parte foram analisadas as repostas referentes às percepções dos feirantes quanto às necessidades e impressões da comercialização nas feiras em que atuavam, de modo geral para os três municípios estudados.

Logo, foram sintetizados aqui os dados sobre a necessidade de outros produtos que não os que eles já comercializam, sobre as estruturas que faltam nas feiras, sobre a venda de produtos com agrotóxicos, sobre o conhecimento

¹² Considerando as origens dos produtos em que apareceram as cidades da região: Alcobaça, Itabela, Itamaraju Prado e Teixeira de Freitas.

de produção agroecológica e sobre qual a demanda e qual a oferta de produtos orgânicos.

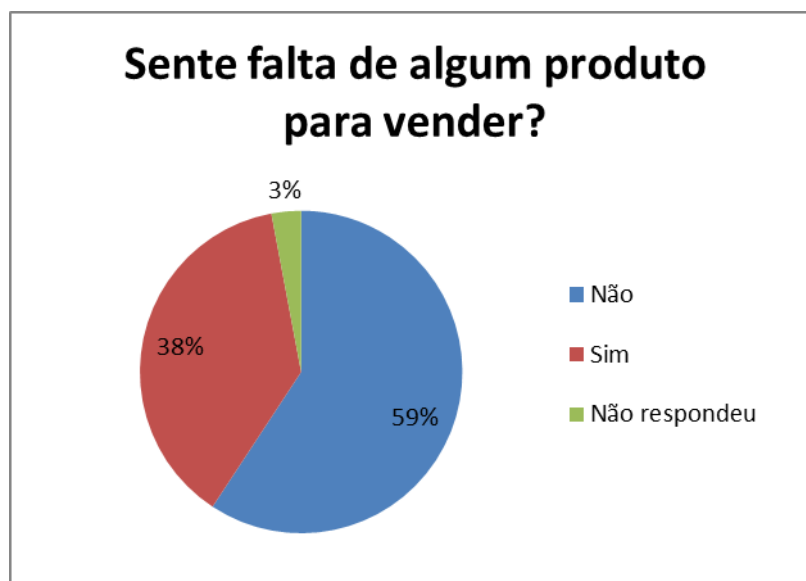


Figura 25: Gráfico sobre a necessidade de outros produtos para venda segundo os feirantes entrevistados

A maioria dos feirantes entrevistados, 80 de 135, responderam que não sentem falta de algum produto para vender além daqueles produtos que eles já comercializam, enquanto 51 responderam que sim, sentem falta e apenas 4 não opinaram. Daqueles que gostariam de vender algum outro produto, apareceram como principais indicações: frutas como maracujá, laranja, banana e uva; hortaliças, como agrião, tomate, jiló, quiabo, pimentão e brócolis.

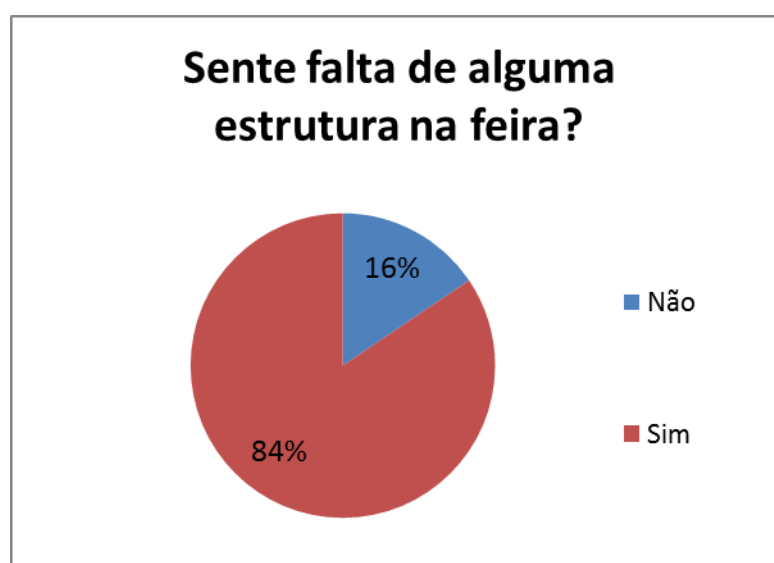


Figura 26: Gráfico sobre a necessidade de estruturas para as feiras segundo os feirantes entrevistados

De modo geral nas feiras dos três municípios levantados o descontentamento com as estruturas do espaço de comercialização é grande, 84%, isto é, 114 dos 135 entrevistados sentem falta de algum tipo de estrutura e apenas 21 (16%) responderam que não. No entanto, é interessante destacar que na feira do Centro em Prado, que oferece espaço coberto, com bancas de cimento em bom estado o resultado se diferenciou um pouco, a maior parte ainda sente a necessidade de melhorias na estrutura (69% - 18 de 26), mas a porcentagem de feirantes satisfeitos é maior que no geral (31% 8 de 26). A seguir estão as principais necessidades citadas quanto às estruturas para cada feira estudada:

Avenida: As principais estruturas que faltam citadas pelos feirantes de Alcobaça, foram em primeiro lugar cobertura, em seguida galpão e banheiros. Cabe ressaltar que alguns feirantes citaram a necessidade de haver barracas padronizadas uma vez que a feira acontece tradicionalmente na rua, por fim alertou-se também para a falta de iluminação.

Marotinho: Não existe uma estrutura de escoar a água que cai no telhado, o que prejudica a venda nos dias de chuva, a principal falta de estrutura comentada pelos feirantes foi a cobertura, que apesar de ter sido recentemente feita por eles mesmos precisa de melhorias ainda, outro ponto de relevância foi a segurança. Apareceram também banheiros e organização das feiras, bem como um espaço mais adequado com bancas organizadas e com local para guardar as mercadorias.

Cidade Baixa: Nesta feira os principais pontos foram a necessidade de maior organização, de limpeza do local, de banheiros em bom estado e abertos para uso, de segurança com sugestões como a colocação de um guarda pela prefeitura, bem como bancas de cimento com armário e cadeado para guardar as mercadorias. Além disso foram sugeridos pontualmente reforma da cobertura, água e energia para as bancas

Várzea Alegre: Como esta feira também ocorre tradicionalmente na rua as principais reivindicações foram por cobertura, barracas padronizadas e banheiros químicos. Também apareceu galpão, organização, lugar fixo e segurança. Interessante destacar uma das falas que citou a necessidade de

“bancas mais atrativas”, ou seja, esteticamente atraentes para os consumidores e para a organização e embelezamento do espaço.

Cristo Redentor: Como foram muito poucos os entrevistados nesta feira, a única resposta para a questão foi a falta de cobertura.

Urbis 2: As duas principais estruturas citadas nesta feira, que também acontece na rua ao lado de uma praça, foram cobertura e banheiros. Poucos citaram galpão e falta de movimento, no entanto este não é uma estrutura.

Tarcisão: A principal reivindicação foi cobertura, além de estruturas para feira como lixos, ponto fixo, locais para guardar as mercadorias, organização. Apareceram, inclusive, reivindicações para melhorar o bairro, por exemplo, as ruas de terra que apresentam muitos buracos e traz poeira.

Centro: Apesar do espaço já apresentar bancas de cimento para a maioria dos feirantes, há aqueles que improvisam com bancas de madeira e gostariam de mais bancas de cimento, há também os que sentem falta de cadeado e armário para guardar as mercadorias, tendo em vista que a segurança foi uma das reivindicações mais citadas, sendo sugerido inclusive um guarda para a feira. Outro aspecto relevante foi a limpeza do espaço e dos banheiros que muitas vezes ficam fechados e sujos. Apareceu ainda organização, reforma, água e energia para as bancas.

São Sebastião: As estruturas que faltam para os feirantes entrevistados neste espaço são bancas, limpeza e banheiro aberto. Apareceram como reivindicações que vão além da questão estrutural: “sossego dos bares” e retorno do transporte da prefeitura.

Quando perguntados se vendiam produtos que foi necessário aplicar algum tipo de defensivo/agrotóxico tomou-se muito cuidado para não enviesar a pergunta a fim de obter o máximo de informações verdadeiras. Foram considerados aqui tanto os produtos químicos aplicados direto no alimento durante o seu desenvolvimento, quanto na área de produção, por exemplo, o roundup (herbicida), e na banca da feira, como os aceleradores de amadurecimento.

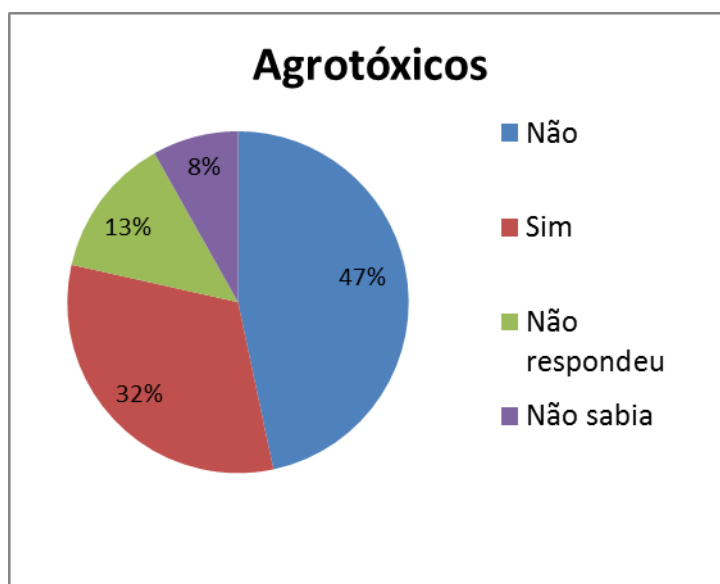


Figura 27: Gráfico com dado geral dos feirantes que vendem produtos que foi necessário aplicar algum tipo de agrotóxico

Portanto, como é possível observar no gráfico da Figura 27 ainda há relevante desconhecimento sobre a forma de produção dos alimentos vendidos na feira, uma vez que a soma dos que não responderam e dos que não souberam dizer, se havia ou não o uso de agrotóxicos, deu 21% (29 de 135), enquanto os feirantes que responderam vender sim produtos com veneno totalizaram 32% (43 de 135). Grande parte dos feirantes (47% - 63 de 135) respondeu que não vende produtos em que foi necessário o uso de algum tipo de defensivo agrícola, esse dado é positivo e animador, mas ainda há ressalvas, pois um ou outro entrevistado desconfiado com a entrevista pode ter respondido que não ao invés de dizer sim como evidente em alguns casos que bem provavelmente tinha tido aplicação de agrotóxico em na produção.

Os principais alimentos citados pelos feirantes que vendiam produtos com agrotóxicos foram, em primeiro lugar empatado o tomate e o mamão, depois abóbora, batatinha, pimenta e folhosas. Apareceram também batata, maçã, quiabo, cenoura, feijão de corda, feijão fradinho, pimentão, couve-flor, alho e amendoim.

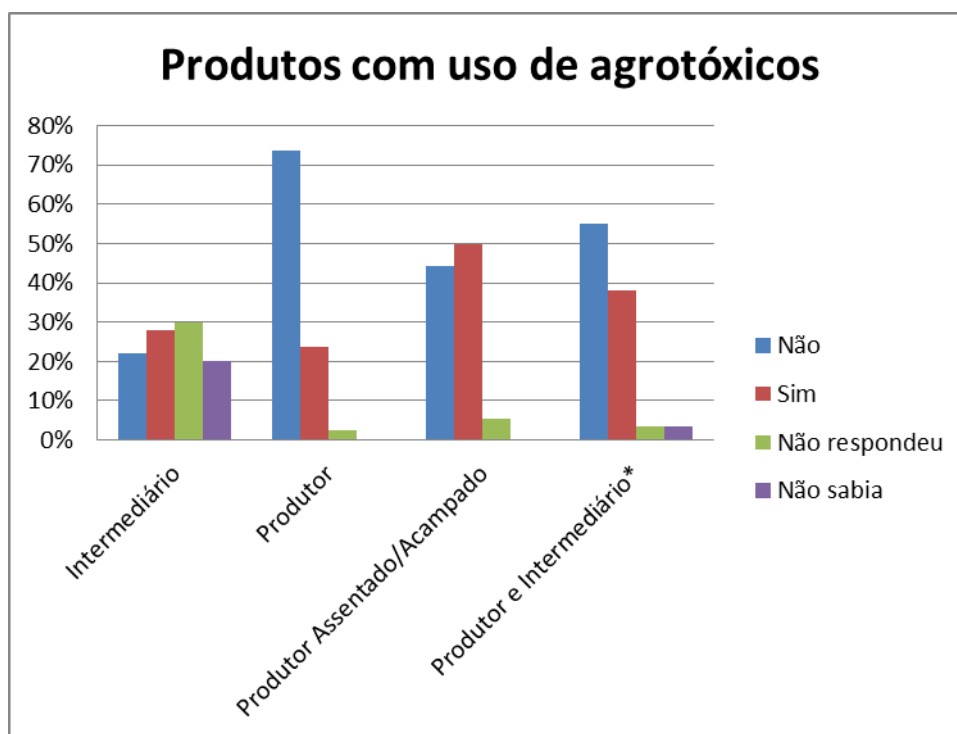


Figura 27: Gráfico das respostas sobre o uso de agrotóxicos nos produtos comercializados, por natureza do feirante¹³

Quando analisada a questão da venda de produtos com agrotóxicos por natureza do feirante pode-se inferir que os intermediários tiveram maior dificuldade em responder tal pergunta, pois muitos não sabiam a forma como é produzido os alimentos vendidos por eles. Inclusive alguns feirantes intermediários destacaram não aplicar nenhum tipo de produto químico nos alimentos expostos na banca, mas que, no entanto não sabiam se de onde compraram havia sido aplicado. Outro ponto que vale destacar é que 30% dos intermediários não responderam a questão (15 de 50), tal porcentagem é muito maior quando comparada às respostas dos feirantes de outras naturezas e maior dentro da própria categoria de intermediários que responderam que sim (28% - 14 de 50) ou que não (22% - 11 de 50).

A natureza produtor destacou-se por apresentar maior porcentagem relevante de feirantes que não vendem produtos com agrotóxicos (74% - 28 de 38) enquanto apenas 9 de 38 produtores entrevistados (24%) responderam que sim foi necessário aplicar algum tipo de veneno nos produtos comercializados e apenas um não respondeu.

¹³ Destaca-se que na natureza Produtor e Intermediário* incluíram-se também os produtores assentados/acampados que são ao mesmo tempo intermediários.

Os produtores assentados/acampados ficaram divididos entre os que não aplicam agrotóxicos (44% - 8 de 18) e os que aplicam (50% - 9 de 18), sendo que apenas um não respondeu. Por fim, 16 de 29 da natureza dos produtores e intermediários não vendem produtos com veneno enquanto 11 responderam que sim, um não respondeu e um não soube dizer.

Quando perguntados se já ouviram falar sobre produtos agroecológicos e/ou orgânicos a maioria dos feirantes respondeu que sim (64% - 86 de 135) pela análise do gráfico da figura 7. No entanto, é relevante o número de feirantes que ainda desconhecem o que são esses produtos uma vez que a soma dos que já ouviram falar, mas não sabem o significado de orgânicos (18 de 135) e os que nunca nem ouviram falar (28 de 135), totaliza 34%.

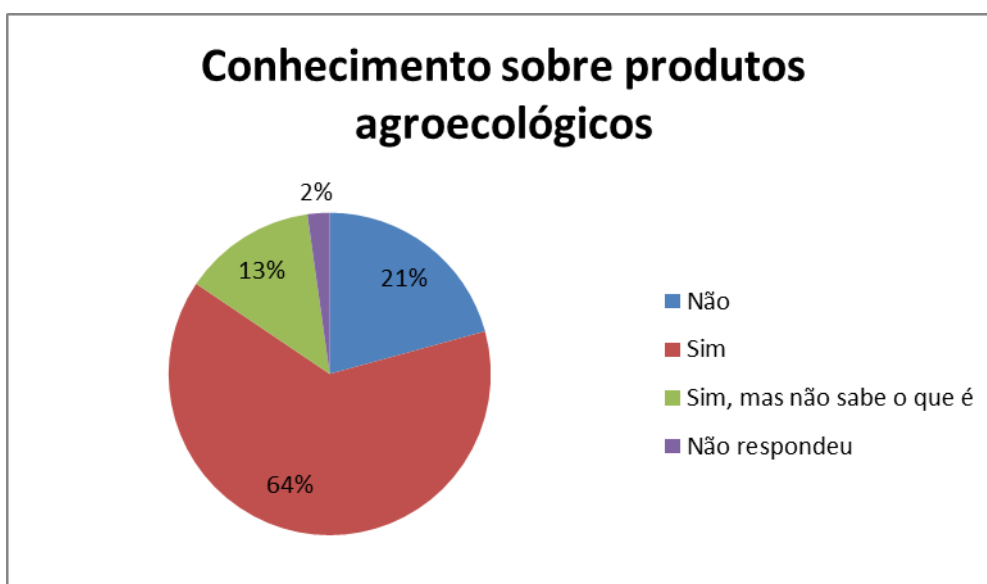


Figura 28: Gráfico das respostas dos feirantes entrevistados quanto à pergunta se já ouviram falar de produtos agroecológicos e/ou orgânicos

Se considerada a questão por tipo de natureza do feirante, é interessante observar (Figura 29) que o nível de conhecimento do termo por parte dos produtores (da reforma agrária ou não) é maior quando comparada ao do intermediário e ao do produtor e intermediário.

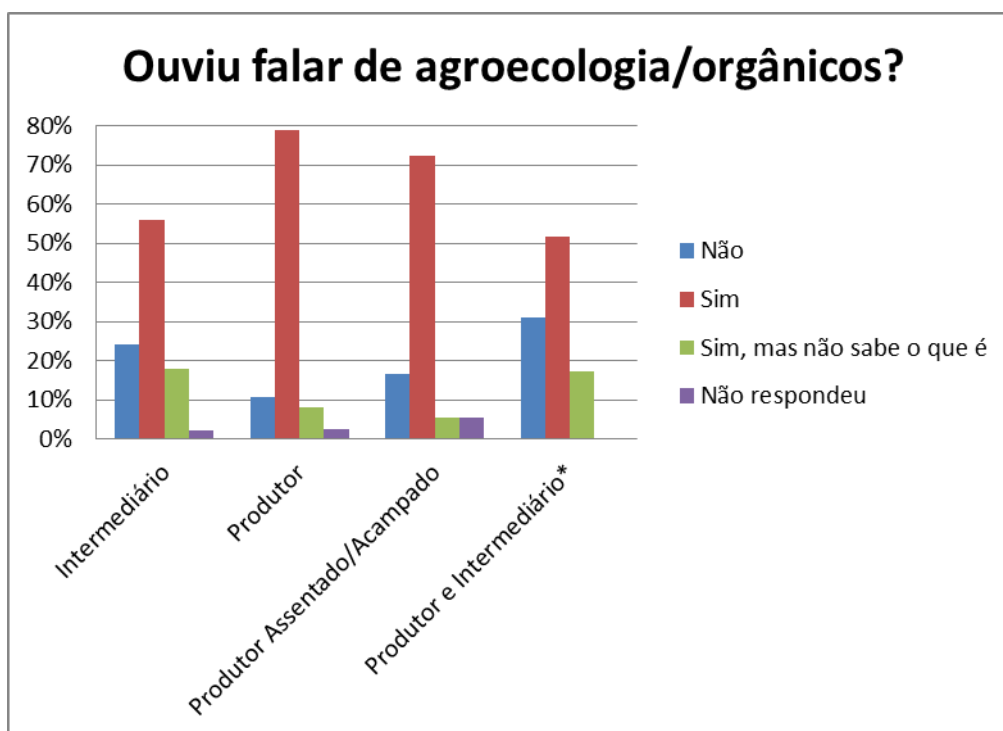


Figura 29: Gráfico das respostas se já haviam ouvido falar dos produtos agroecológicos e/ou orgânicos, por natureza do feirante

Desse modo, 79% dos produtores e 72% dos produtores assentados/acampados responderam já ter ouvido falar de agroecologia, enquanto apenas 4 de 38 e 3 de 18, respectivamente não haviam ouvido falar.

Já nas naturezas intermediário e produtor-intermediário* (inclusive os produtores assentados/acampados que também são intermediários) apresentaram menor conhecimento, uma vez que 28 de 50 feirantes intermediários e 15 de 29 feirantes produtor e intermediário responderam que conhecem, porcentagens 56% e 52%, respectivamente, menores ao comparadas com às naturezas de produtores unicamente. Além disso, 24% dos intermediários (12 de 50) e 31% dos produtores-intermediários* (9 de 29) não sabiam o que significa produtos agroecológicos/orgânicos, enquanto os que também não sabiam apesar de já terem entendido o termo foram 9 de 50 e 5 de 29 respectivamente.

Sobre a percepção dos feirantes quanto à procura por produtos orgânicos/agroecológicos pelos consumidores (Figura 30) é importante dizer que, após a resposta à pergunta anterior (se já ouviram falar de produtos orgânicos/agroecológicos), os entrevistadores foram orientados a esclarecer e

explicar o significado do termo. Neste momento muitos dos entrevistados revelaram utilizar outro termo mais popular para o produto que é vendido sem veneno e sem adubo, assim, o mais comum de se escutar nas feiras livres para esse tipo de produto é “natural”, isto é, produzido de modo natural sem uso de químicos.

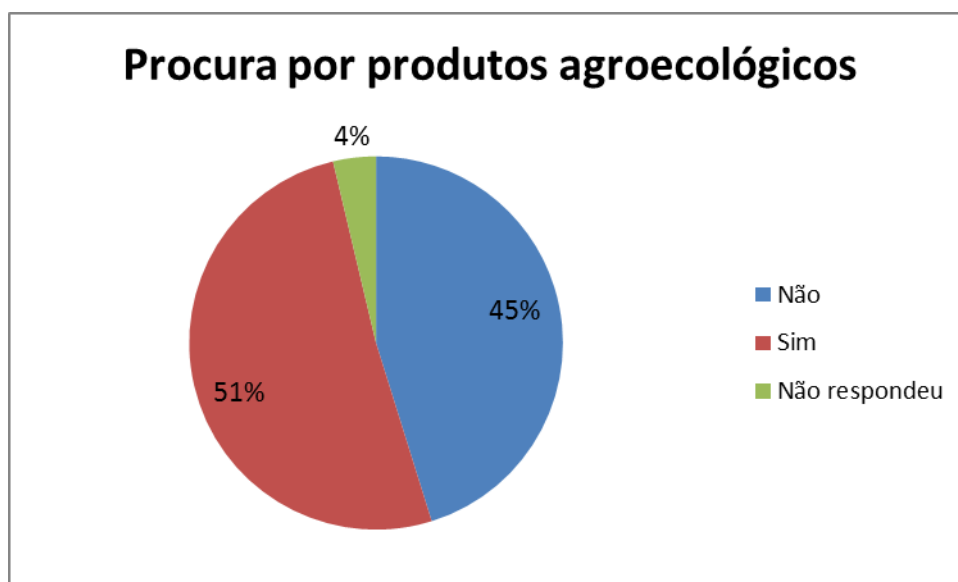


Figura 30: Gráfico das respostas dos feirantes entrevistados sobre se existe procura dos consumidores por produtos orgânicos e/ou agroecológicos

Dessa maneira, a análise do gráfico sobre procura por produtos agroecológicos demonstra que um pouco mais da metade dos feirantes (69 de 135) acreditam que os consumidores procuram comprar produtos agroecológicos (ou naturais, conforme a linguagem das feiras). Porém, o número de feirantes que responderam ‘não’ foi 61 de 135, demonstrando uma divisão quase equivalente entre as respostas positivas e negativas quanto à procura de produtos agroecológicos/orgânicos, sendo que apenas cinco não responderam.

Não houve diferença relevante entre intermediários e produtores, exceto no caso dos produtores assentados/acampados, em que a maioria (13 de 18) respondeu existir a procura, enquanto apenas quatro disseram não e um não respondeu.

Foi realizada também a pergunta sobre a venda de produtos agroecológicos/orgânicos (Figura 31), assim foi indagado aos feirantes se eles

possuíam para vender alimentos agroecológicos/orgânicos ou ainda naturais como na linguagem comum.

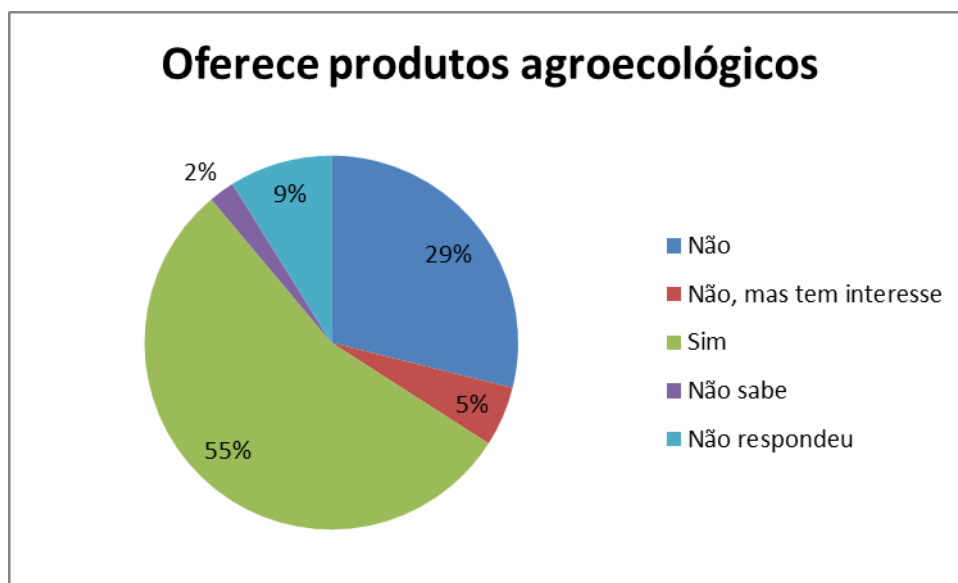


Figura 31: Gráfico com os dados gerais dos feirantes que comercializam produtos agroecológicos e/ou orgânicos destaque para o termo mais utilizado por eles “produtos naturais”

Pela análise do gráfico é possível indicar que pouco mais da metade dos feirantes disseram ofertar produtos orgânicos (74 de 135), enquanto 39 não ofertam e 7 responderam que não, mas tem interesse em futuramente também vender produtos agroecológicos. Os feirantes que não sabiam ou não responderam totalizaram 11% (15 de 135).

Os principais alimentos orgânicos comercializados segundo os feirantes entrevistados foram, em primeiro lugar, as hortaliças de folhas, seguida do aipim e seus derivados e em terceiro a banana, principalmente prata e da terra. Interessante ressaltar que os produtos vendidos como naturais pelos feirantes possuem maior variedade e muitos são conhecidos como não convencionais, por exemplo, o inhame, o maxixe e a fruta pão. Apareceu também pimenta, jiló, andu, corante, semente de coentro, quiabo, abóbora, fava, queijo; por fim obteve apenas uma ocorrência os seguintes alimentos chuchu, mamão, jaboticaba, graviola, cacau, tomate, limão, ovo caipira e galinha.

Quando observada a questão da venda de produtos agroecológicos por natureza do feirante é evidente a maior participação dos próprios agricultores

sejam eles da reforma agrária ou não, sejam eles produtores e ao mesmo tempo intermediários ou não (Figura 32).

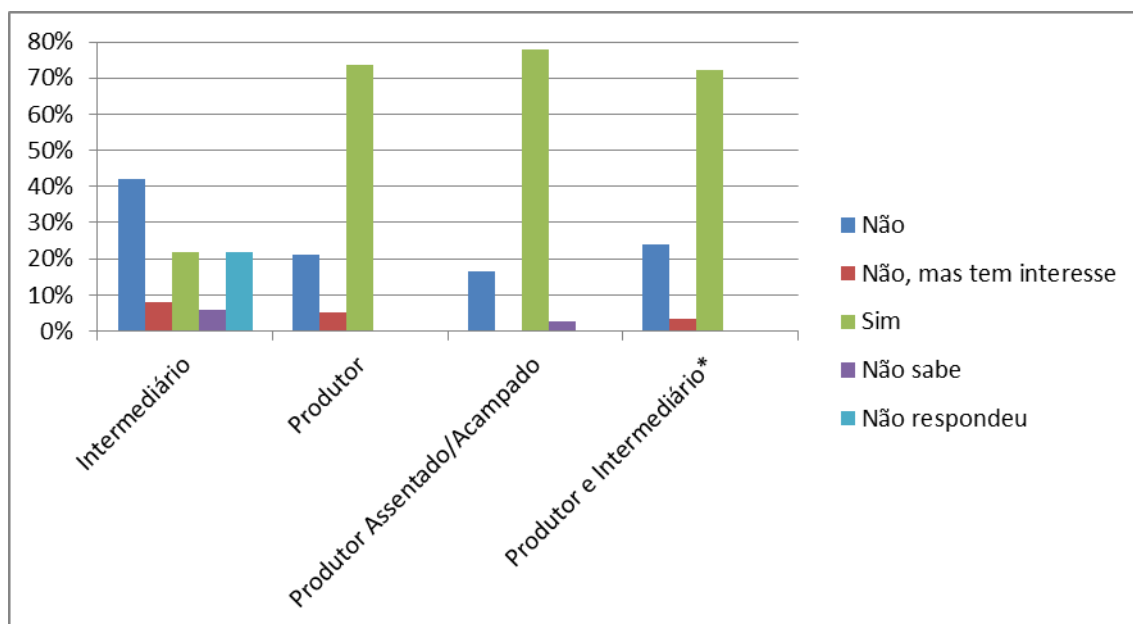


Figura 3: Gráfico da relação entre a resposta dos entrevistados quanto à venda de produtos agroecológicos/orgânicos de acordo com a natureza do feirante

Assim, conforme a análise do gráfico 11, a maior parte dos produtores, dos produtores assentados/acampados e dos produtores-intermediários (inclusive os produtores assentados/acampados que também vendem produtos comprados) possui alimentos orgânicos para vender, sendo as porcentagens 74% (28 de 38), 78% (14 de 18) e 72% (21 de 29) respectivamente. Já aqueles feirantes que são estritamente intermediários a maior parte deles, 21 de 50 entrevistados, não oferta produtos orgânicos (42%).

6.2 A socialização do estudo

“Esta indeclinável responsabilidade do agrônomo, que o situa como um verdadeiro educador, faz com que ele seja um (entre outros) dos agentes da mudança.

Daí que sua participação no sistema de relações camponeses-natureza-cultura não possa ser reduzida a um *estar a diante*, ou a um *estar sobre*, ou a um *estar para* os camponeses, pois que deve ser um *estar com* eles, como sujeitos da mudança também.

Esta responsabilidade não é exclusiva do agrônomo-educador, nem dos educadores em geral, mas sim de todos quantos, de uma ou

outra maneira, estão dando sua contribuição ao esforço de reforma agrária.” (Freire, 1983, p.37)

Inspirando-se nas palavras de Paulo Freire no livro ‘Extensão ou Comunicação?’ é possível ver o momento da socialização como uma prática fundamental para o diálogo entre estudante/pesquisador e comunidade, pois se trata do compromisso de retribuir, comunicar e trocar o conhecimento adquirido através da oportunidade de trabalhar e conviver junto à comunidade envolvida no estudo.

Assim, a fim de compartilhar o estudo com os agricultores, técnicos agrícolas das áreas do projeto e com a equipe da escola pensou-se na socialização dos principais dados levantados, sobretudo o que foi realizado e a importância do trabalho de estudo das feiras, inclusive para fortalecer o debate da comercialização entre os membros do projeto e entre os agricultores.

Ao final de cada socialização foi feita a avaliação da apresentação e participação, que apesar de pensada de uma forma, em cada um dos momentos se deu de maneira distinta, tendo em vista as particularidades de cada espaço e de cada grupo. Desse modo, foi avaliado que a dinâmica do teatro fórum é uma metodologia muito interessante, pois traz de maneira lúdica a reflexão sobre um tema polêmico e também estimula a participação dos presentes. Gerando, assim, o debate e o interesse sobre a problemática da comercialização nas feiras, bem como intervenções e sugestões visando o fortalecimento e a valorização dos produtos agroecológicos e da reforma agrária.

No entanto, após o teatro, a explanação oral sobre alguns dados obtidos com o estudo junto aos agricultores não funcionou tão bem, pois houve a dificuldade de conectar o significado desses resultados com o debate gerado pelo teatro. Sendo mais interessante a explicação dos resultados feita no espaço da escola com o apoio de datashow junto aos técnicos e coordenadores das áreas dos sete pré-assentamentos, que em parte também participaram no dia do teatro com os acampados.

- **José Martí**

A socialização no pré-assentamento José Martí aconteceu na quinta feira, dia 27 de novembro de 2014 durante a passada mensal da equipe de campo do projeto assentamentos agroecológicos. A atividade teve o tempo destinado reduzido e contou com poucos participantes devido à confusão de datas e também à organização do evento da juventude e da comunicação da Brigada que seria realizado na área.

A dinâmica do teatro fórum chamou a atenção dos acampados participantes, além de se divertirem com a cena, foi possível observar que eles também se envolveram com a temática trabalhada. Tal fato pôde ser afirmado pelas várias intervenções, sugestões e falas, quando aberto para o debate sobre a problemática apresentada. Além disso, ocorreram três substituições dos próprios agricultores na cena a fim de minimizar/acabar a opressão representada pelo consumidor preconceituoso quanto aos alimentos agroecológicos da banca do movimento. Os argumentos apresentados foram principalmente em relação ao produto orgânico, assim a primeira substituição focou em divulgar e fazer a propaganda eficiente dos benefícios dos alimentos produzidos agroecologicamente, no entanto a opressão em relação ao movimento social se manteve. Assim a terceira substituição feita pelo técnico agrícola da área que tem um papel importante de militância trouxe, além da promoção do produto orgânico, a defesa da legitimidade da luta social do MST. Portanto, é interessante ver como a formação política junto à formação técnica é importante para os membros do movimento a fim de que fortaleçam e valorizem sua produção e sua posição, inclusive diante dos consumidores durante a feira ou qualquer outro espaço de comercialização.

A fala sobre os dados do estudo de mercado não aconteceu, mas para encerrar a atividade falou-se da importância do espaço da feira, enquanto um dos canais para escoar a produção dos assentados e relatou-se um pouco sobre o trabalho desenvolvido durante o estágio.



Figuras 33 e 34: Fotos do teatro fórum, com destaque para a participação do público na cena presente na segunda foto (Fonte: “Loira” acampada, MST)

• Herdeiros da Terra

A socialização no pré-assentamento Herdeiros da Terra aconteceu na sexta feira, dia 28 de novembro de 2014 também durante a passada mensal da equipe de campo. A atividade contou com bom número de acampados, no entanto observou-se a presença relativamente maior de homens, e menor número de mulheres no espaço. O tempo da atividade também foi reduzido devido a necessidade dos agricultores se organizarem para a feira. Vale ressaltar que a organização para participarem da feira de Prado é recente e aconteceu após a aplicação dos questionários nas feiras do município.

Novamente, foi notório o envolvimento dos acampados no teatro, tanto do ponto de vista de estarem atentos ao desfecho da cena, quanto da participação no debate provocado após a encenação da opressão. Ocorreram duas substituições muito interessantes enquanto tentativa de minimizar ou acabar com a opressão apresentada no teatro em relação aos produtos agroecológicos da reforma agrária. Os argumentos apresentados foram primeiro a necessidade de divulgar e falar de forma mais incisiva as vantagens dos alimentos agroecológicos pela senhora que fez o papel da feirante do MST, e em segundo o senhor que seria um membro do MST que disfarçado na feira enquanto consumidor tentava convencer o consumidor opressor sobre a idoneidade e legitimidade das pessoas do movimento. As duas encenações minimizaram a opressão representada no teatro fórum, no entanto, analisou-se que ainda é preciso fortalecer dentro dos próprios acampamentos e

assentamentos a militância a favor dos ideais e princípios do movimento, bem como das vantagens dos produtos agroecológicos.

No entanto, após a dinâmica do teatro fórum, a explanação oral sobre os principais dados do estudo, não foi muito eficiente, pois eles ainda estavam animados pelo teatro, o que gerou algumas conversas durante a fala dos resultados. Também faltou a conexão entre os dois momentos da atividade, sendo mais interessante fazê-los em espaços diferentes.



Figuras 35 e 36: Fotos do teatro fórum, com destaque para as bancas dos feirantes na primeira, e na segunda para a participação de um dos agricultores durante o debate (Fonte: Danielly Crespi, equipe projeto)

- **Escola Popular**

A socialização na Escola Popular de Agroecologia e Agroflores Egídio Brunetto foi realizada ao final da reunião dos grupos de trabalho dos arranjos produtivos¹⁴ e contou com a presença de membros da equipe da escola, dos técnicos agrícolas do projeto e dos acampados coordenadores dos sete pré-assentamentos.

Nesse espaço de socialização não foi realizado o teatro fórum, optou-se pela apresentação oral do trabalho com apoio da projeção de slides. Assim, além dos principais resultados analisados foi apresentado o que é o estudo de mercado, suas dimensões e importância tendo como foco as feiras livres. Também foi um momento de compartilhar a vivência, a participação em outras atividades durante o estágio, que foram além do diagnóstico das feiras, e agradecer pela oportunidade de trabalhar e *estar com eles*.

Avaliou-se que os dados apresentados com a ilustração através de gráficos e tabelas para o público mencionado foi importante e adequado. Além disso, o retorno foi muito positivo, pois durante todo o desenvolvimento do estágio buscou-se a troca, o trabalho conjunto e a cooperação, e nesse espaço da socialização, ao final da apresentação foram observados o reconhecimento, a satisfação, a alegria e a gratidão mútua dos presentes. Assim, como a reflexão trazida pela citação de Paulo Freire diz, é importante para a reforma agrária e para promoção de mudanças no campo estar junto aos camponeses.



Figura 37: Foto do encerramento da atividade durante a mística de agradecimento do movimento e das estagiárias (Fonte: Ana Paula Rezende)

7. OUTRAS ATIVIDADES

Campanha Extremo Sul pela vida: Agrotóxico zero

A contribuição com a campanha do setor de comunicação da regional: “Extremo Sul pela vida: agrotóxico zero” envolveu o debate sobre os riscos do uso de agrotóxicos nos seguintes eixos: ar-água, biodiversidade, alimentação, saúde, economia, bem como a promoção dos princípios da agroecologia. Por meio da contribuição na campanha foram desenvolvidas atividades educadoras como palestras de sensibilização, dinâmicas, construção de cursos, elaboração de material didático, regências e oficinas, conforme as demandas da própria escola e do movimento.



Figuras 38 e 39: Fotos de uma das oficinas realizadas na Escola Chico Mendes no assentamento Rosa do Prado. (Fonte: Daniel Alonso)

- **Capacitações, seminários e reuniões**

Por meio da participação nas capacitações, seminários e reuniões foi possível aprender muito sobre diversos temas, bem como sobre a própria organicidade do movimento. Foram realizados durante o semestre diversos desses espaços em que se discutiram questões como os arranjos produtivos para os assentamentos agroecológicos, os riscos do uso de agrotóxicos, a educação do campo agroecológica, as políticas públicas voltadas para as mulheres, entre outros.

Além disso, as diversas reuniões da equipe da escola, equipe dos técnicos, da campanha são muito importantes como instrumento de organização, planejamento, avaliação e monitoramento das diversas atividades em curso tendo em vista a permanente construção da Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto.



Figura 40: Foto dos participantes do Seminário de Arranjos Produtivos na Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto. (Fonte: Daniel Alonso)

- **Grupo de Trabalho do Arranjo Produtivo do Leite**

A partir das discussões do Seminário de Arranjos Produtivos, foram formados grupos de trabalho para tratar dos diferentes arranjos possíveis em um lote: horta, quintal, pequenos animais, culturas perenes, adequação ambiental, roças e pecuária leiteira. A participação no GT de pecuária leiteira permitiu construir junto aos membros do movimento a estratégia produtiva da criação de gado leiteiro para os lotes. Tendo em vista as particularidades de cada assentado e cada lote foi feito um modelo a partir da sugestão das principais espécies de gramíneas, leguminosas, arbóreas e de alimentação, bem como das raças de gado para produção leiteira na região. Outros pontos discutidos foram o dimensionamento do arranjo do leite dentro do lote, a destinação da produção, os materiais necessários para as famílias na execução do arranjo, a necessidade de mapear agricultores referências e as possíveis parcerias.



Figuras 41 e 42: Fotos do desenho do croqui dos piquetes e da reunião do GT no pré-assentamento Bela Manhã (Fonte: Própria Autora)

- **Curso de Comunicação**

A fim de contribuir com o curso de comunicação da regional Extremo Sul foi realizada a oficina sobre “teatro e comunicação” que trabalhou os jogos cênicos relacionados à construção da comunicação popular com a juventude e com os membros do setor da comunicação. Assim buscou-se promover o entrosamento entre os participantes, o relaxamento e a descontração. Ademais por meio de exercícios e dinâmicas para iniciação teatral foi possível trabalhar

a expressão cênica e corporal. Foi promovida ainda a reflexão e o debate entre os participantes sobre a importância da comunicação que a todo tempo fazemos, seja através da fala e dos meios formais, seja através do nosso corpo e nossas atitudes.



Figura 43: Foto da oficina de teatro durante os exercícios iniciais de respiração (Fonte: Ana Paula Rezende)

8. DISCUSSÃO

8.1 A questão dos Circuitos Curtos

As feiras livres são tradicionalmente espaços de venda direta da produção local, apesar de como observado já existir a presença de outros atores inseridos entre o produtor e o consumidor (os intermediários), diminuindo assim a proximidade entre eles e descaracterizando também essa particularidade das feiras, com destaque para certos alimentos como laranja, cebola e alho cuja origem é de outras regiões.

Desse modo verificou-se que cidades como Cruz das Almas e Feira de Santana na Bahia e o estado do Espírito Santo exportam para o Extremo Sul da Bahia significativa parte da produção de alimentos comercializados nas feiras, tais como cebola, tomate, laranja, acabaxi e banana da terra, conforme apresentado nos resultados no tópico “dados da produção”. Ao cruzarmos esses resultados com os dados dos sonhos das famílias acampadas presente

no diagnóstico socioeconômico do projeto¹⁵ é possível apontar o potencial da produção de frutíferas nas áreas (3º lugar nas culturas mencionadas pelas famílias entrevistadas), incluindo as cítricas como a laranja e o abacaxi a fim de regionalizar essa produção que também gera relevante fluxo monetário nas feiras dos municípios estudados. Ainda nos sonhos das famílias as hortaliças estão em 6º lugar seguidamente está em destaque o cultivo de banana, logo é possível sugerir que também o tomate e a banana terra, atualmente em parte importados de outras regiões, fossem implantados nos lotes pensando nas estratégias para produção nas áreas.

Seria interessante ainda, a partir desses dados levantados sobre a origem dos alimentos, elaborar novos estudos sobre a viabilidade de produção dos mesmos no Extremo Sul. Porém, para além de verificar se são praticáveis certos cultivos nas condições locais é plausível ainda ampliar o debate sobre os hábitos alimentares e a dimensão cultural da alimentação. Haja vista que muitos alimentos encontrados regionalmente e de forma fácil, como as PANCs (Plantas Alimentícias Não Convencionais) são negligenciados por uma questão de padronização do cardápio alimentar muitas vezes com espécies exóticas que exigem elevado gasto energético para produção em clima tropical.

Ademais, as vantagens encontradas nos circuitos curtos - como o maior reconhecimento entre camponeses e sociedade devido a possibilidade de maior contato e diálogo, a possibilidade de melhor conhecer a origem, a forma de produção e a qualidade dos alimentos ofertados - levam a inferir a importância deste modo de venda e a necessidade de maior divulgação, bem como de ampliação inserindo também a questão dos alimentos agroecológicos e da reforma agrária. Além da feira livre, também podemos citar as políticas públicas alimentares (PAA e PNAE), os grupos de consumo e as lojas dos produtores (organizados em associações/cooperativas ou individualmente), apesar destes dois últimos ainda não fazerem parte da realidade dos municípios estudados.

Portanto, vê-se o potencial da feira enquanto canal de venda direta dos alimentos produzidos pelos agricultores da região, em especial os assentados

¹⁵ Documento interno. Resultados preliminares do diagnóstico socioeconômico – perfil das famílias acampadas. Itamaraju, agosto 2014.

e acampados. Uma vez que a feira livre é, geralmente, um local acessível tanto para o feirante produtor quanto para o consumidor, inclusive os consumidores menos favorecidos financeiramente

No entanto, além de promover e fortalecer as feiras livres no Extremo Sul é importante melhorar as estruturas desses espaços para que sejam além de atrativos, adequados e em boas condições para viabilizar o trabalho dos feirantes e o bom desenvolvimento da atividade. Uma ação estratégica interessante seria propor para as secretarias a abertura de espaços de amplo diálogo com os diferentes atores sociais, como movimentos sociais, produtores da região, governo, consumidores, para discutir desde as políticas de produção e de comercialização que aproximem os agricultores e consumidores até as formas de tornar viáveis as iniciativas, o que passa inclusive pelas instalações e estruturas das feiras livres.

Desse modo, conforme sugere o Roteiro de Implantação de Feiras Livres da Agricultura Familiar (2007) é preciso estar atento aos diversos formatos de feiras, que vão desde espaços fixos como os galpões e mercados municipais até espaços públicos como ruas e praças, o que pode inclusive entrar em conflito com outros usos, em especial com a circulação. Mas por meio desse roteiro é possível cada prefeitura, considerando a realidade de cada feira e de cada espaço, adotar medidas que melhorem as condições básicas de funcionalidade como as bancas, cobertura, energia, sanitários, lixos, organização, entre outros. É interessante citar ainda o exemplo de Alcobaça em que um dos feirantes entrevistados citou a tradição da feira na rua e o receio da mudança para o novo galpão que está sendo construído em outro local da cidade, apesar de estar próximo ao ponto tradicional da feira. Assim, talvez para as feiras livres que ocorrem tradicionalmente na rua a melhoria das estruturas passaria pelo ordenamento e padronização das bancas, as quais poderiam contar inclusive com armações e suportes para garantir a cobertura contra sol forte e chuvas, preservando desse modo o costume da feira livre em espaço aberto e na rua.



Figuras 44 e 45: Exemplos de feiras com barracas padronizadas, a primeira a feira de orgânicos próximo ao Ibirapuera em São Paulo/SP (Fonte: Rivaldo Gomes)¹⁶ e a segunda feira do município de Pedra Grande/RN (Fonte: Joaquim Melo)¹⁷

Em conversa com militante do MST, envolvido no setor de produção, ele cita a importância do espaço das feiras livres para o movimento:

“Enquanto agricultor feirante tem a questão da feira ser uma forma para minha sobrevivência, de vender meu produto e poder comprar aquilo que falta e aquilo que não planto, também no final da feira há troca de produtos entre feirantes sem nem mesmo movimentar dinheiro. Enquanto movimento tem a relação estabelecida com a sociedade que permite contradizer o que a mídia diz sobre o MST, assim é preciso também fortalecer a marca do movimento. O diálogo com as pessoas na feira é a oportunidade de falar da nossa luta pela terra e para cumprir a função social da terra. Então as feiras têm sim um papel muito importante para o MST.”¹⁸

Sobre a inserção dos agricultores do movimento nas políticas públicas alimentares, também exemplos de circuitos curtos, no momento a regional do MST no Extremo Sul está participando apenas do PNAE desde 2010. Existe a previsão, porém, de no próximo ano também participarem do PAA. Entre as dificuldades encontradas nessas políticas estão questões como “documentação, emissão de DAP (Declaração de Aptidão ao Pronaf), entre outras, muitas vezes relacionadas à falta de vontade dos gestores públicos”.¹⁹ O militante ainda cita o panorama da participação do MST no PNAE:

¹⁶ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/comida/2014/08/1506059-organicos-terao-feira-dentro-de-estacionamento-de-shopping.shtml>

¹⁷ Disponível em: <http://www.blogdeassis.com.br/ler.php?idnot=5460>

¹⁸ Entrevista informal com militante do setor de produção regional do MST, novembro 2014.

¹⁹ Entrevista informal com militante do setor de produção regional do MST, novembro 2014.

“A expectativa é grande de aumentar a venda, grande parte dos assentados que já participam estão satisfeitos. Participam com contrato, aqui mais próximo a Itamaraju, as associações dos assentamentos Pau Brasil, Cruz do Ouro, Rosa do Prado, mas a produção vem também de outras áreas do movimento, inclusive dos pré-assentamentos agroecológicos, como o Herdeiros da Terra, o José Martí. Entre os alimentos estão pimentão, repolho, tomate, abobrinha, folhosas, corante, feijão, abóbora, melancia, farinha e feijão.”²⁰

Portanto, a fim de dar continuidade ao estudo de mercado, tendo em vista o potencial dos circuitos curtos, mas também outros canais de comercialização, seria interessante ampliar o diagnóstico envolvendo as prefeituras para obter maiores informações sobre o andamento dessas políticas, os consumidores, os supermercados, os restaurantes e os hotéis/pousadas, haja vista o potencial turístico da região. Além disso, incluir a cidade de Teixeira de Freitas, centro urbano e entreposto comercial relevante para o escoamento da produção agrícola regional.

8.2 A questão da organização dos agricultores

A partir dos resultados sobre o meio de transporte utilizado pelos feirantes produtores, observou-se como a questão da logística, não raro é um fator limitante para o acesso às feiras. Nem todos, em especial no caso dos produtores assentados/acampados, têm a possibilidade de possuir um veículo próprio, e utilizar o ônibus apresenta certas dificuldades entre elas a pouca praticidade e o custo, uma vez que se paga por volume além do preço da passagem. Desse modo, algumas alternativas, que passam pela organização dos produtores, podem ser sugeridas tais como o frete coletivo e, ainda melhor, a reivindicação frente ao governo municipal de um ônibus da prefeitura como foi feito recentemente para a participação dos agricultores do MST na feira do bairro São Sebastião em Prado. O movimento dialogou e viabilizou o transporte dos feirantes de pré-assentamos como Herdeiros da Terra, assim a feira foi revitalizada e agora voltou a acontecer de sexta a noite e sábado de manhã com o aumento do movimento de consumidores, conforme as palavras do militante do MST:

²⁰ Entrevista informal com militante do setor de produção regional do MST, novembro 2014.

“A feira do São Sebastião que estava bem fraca e agora voltou a acontecer de sexta à noite (bom para quem trabalha e não pode ir à feira durante o dia) e sábado de manhã. O espaço da feira tem entre seis e oito anos, porém não colou no início, pois era direcionada para os intermediários que vendiam mais durante o movimento de verão. Assim em 2012 o MST ocupou a prefeitura de Prado para reivindicações como educação e a feira do bairro São Sebastião como espaço para os produtos da reforma agrária. A população do bairro, quem é da periferia, o povo mesmo de Prado apóia.”²¹

A partir desse depoimento pode-se destacar também a questão da sazonalidade, isto é, as diferenças do movimento na feira, da participação dos feirantes intermediários e dos tipos de alimentos ofertados conforme as estações e temporadas devido a fatores como clima e turismo. Desse modo, seria interessante a partir dos dados obtidos e de futuros estudos na área avaliar a mudança de comportamento no comércio regional de acordo com a época do ano, a fim de enriquecer as estratégias para a produção nas áreas dos pré-assentamentos. É importante trazer também, em momentos futuros, o debate do associativismo e do cooperativismo para as áreas a fim de, entre outras razões, fortalecer e organizar a venda da produção nos pré-assentamentos agroecológicos.

Por fim, existe ainda o potencial das sobras que muitos feirantes já destinam para doação, 25% dos feirantes (Figura 22). Logo, o diálogo entre os feirantes, a prefeitura e as entidades sociais do município seria um indicativo para fortalecer e organizar a doação dos alimentos não vendidos na feira.

8.3 A questão da agroecologia

Foi observado enquanto dado positivo que a grande parte vende sem uso veneno 47% (Figura 27), no entanto, o desafio que se impõe seria fazer esse número crescer. Além disso, ao contrastarmos os resultados sobre os feirantes que responderam não usar agrotóxicos, 47% dos feirantes com os resultados sobre a oferta de produtos agroecológicos, 55% responderam que sim (Figura 31), logo há uma diferença de 8%, explicada pela ocorrência de alguns que vendem parte dos produtos que foi usado veneno, mas também possuir produtos naturais para vender (foram identificados 3 feirantes nesta

²¹ Entrevista informal com militante do setor de produção regional do MST, novembro 2014.

situação, desses 2 produtores assentados e um produtor-intermediário que compra de produtores, sendo os produtos com veneno tomate, mamão, folhas e os sem veneno aipim, quiabo, jiló, maxixe, andu e pimenta). Essa diferença também pode ser explicada, pois às vezes se produz sem veneno, mas usa adubo, logo não é orgânico. Além disso, os intermediários dizem não aplicar produto na banca, porém isso não garante que são produtos orgânicos, uma vez que não se sabe o modo de produção da origem de tais produtos.

Os produtos ditos naturais são mais conhecidos que o nome orgânicos/agroecológicos, em conversa com militante do MST foi ressaltada a importância da identificação dos produtos do movimento:

“Muitos dos nossos agricultores já trabalharam nos latifúndios, e tem a questão dos hábitos, a questão cultural que dificulta às vezes, pois a compreensão política já existe de que é possível produzir orgânico, não para o rótulo, mas o natural, sem uso de veneno e sem adubo químico. Falta também divulgar nosso produto da reforma agrária e agroecológico, muitas vezes vendemos para o atravessador e chega à prateleira com outra marca. Tem também a dificuldade de provar os que já são agroecológicos, tem muito desconhecimento e outra dificuldade é a questão das certificadoras, há desconfiança quanto a forma de fiscalização. Para o movimento o certificador é o próprio consumidor. A ênfase que gostaria de dar é na questão da marca, selo de confiança para identificar que é um produto do MST, pois “no meio da estrada tem um monte de atravessador, que é o grande vilão da história”. É preciso também regionalizar as questões, clarear para o consumidor que a maioria dos alimentos são produzidos pela agricultura familiar.”²²

Portanto, é importante reforçar os conceitos defendidos pelo movimento como agroecologia a fim de que os feirantes do movimento apoderem-se do termo produtos agroecológicos/orgânicos, bem como fortalecer os valores de luta social defendidos pelo MST para que os feirantes assentados e acampados possuam argumentos e domínio para promover no espaço da feira seus produtos. Além disso, a criação de feiras agroecológicas, em que se vendem apenas produtos orgânicos, poderia contribuir na promoção e valorização desses produtos frente aos consumidores e por meio de conversas

²² Entrevista informal com militante do setor de produção da regional do MST, novembro 2014.

informais, inclusive com funcionário da secretaria de agricultura de Itamaraju, foi possível verificar o interesse nesse tipo de iniciativa.

Por fim, metodologias como a dinâmica do teatro fórum realizada com os agricultores durante a socialização e as atividades realizadas pela campanha do setor de comunicação da regional: “Extremo Sul pela vida: Agrotóxico Zero” são de relevância nesse processo para reflexão, sensibilização e formação dos agricultores do movimento.

8.4 A questão da vivência

A participação e a vivência na Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto, bem como de outros espaços promovidos pelo MST possibilitou diversos aprendizados e foi essencial para formação enquanto profissional e cidadã. Este trabalho permitiu conhecer os agricultores, famílias, crianças, militantes do movimento e estar em profundo contato com a realidade vivida por eles.

Além disso, o trabalho junto aos membros do projeto assentamentos agroecológicos e da equipe da escola possibilitou desenvolver habilidades, como o planejamento, a comunicação, a articulação e fortalecer valores como a cooperação, o compromisso, a responsabilidade e o respeito às individualidades.

Entretanto, o trabalho também exigiu compreensão frente dificuldades de comunicação, logística, planejamento, tempo restrito e articulação. Mesmo frente aos momentos comuns de complicações buscou a tolerância e o diálogo para superá-los

Portanto, muito mais que um estágio profissionalizante, este foi um período de vivência que colaborou para minha formação enquanto estudante de engenharia agrônoma, mas também enquanto cidadã do mundo, para a compreensão dos conflitos agrários presentes no Extremo Sul da Bahia e no Brasil, para a aproximação da luta dos movimentos sociais do campo e da agroecologia não só enquanto teoria, mas principalmente enquanto prática possível de outro modelo de produção agrícola. Por fim, este estágio foi essencial para a reflexão sobre o papel a ser exercido junto à sociedade, junto

aos agricultores, em especial os agricultores familiares, assentados, acampados e de comunidades tradicionais.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notória, então, a importância dos movimentos sociais do campo na luta contra as injustiças sociais no país e pela reforma agrária popular, em especial a ação do MST no Extremo Sul da Bahia. Além do debate da questão agrária, o movimento traz também em seus espaços a questão da importância da agroecologia, alternativa viável para o campo brasileiro.

O presente trabalho possibilitou dentro do que se foi proposto realizar o diagnóstico das feiras de Alcobaça, Itamaraju e Prado, cidades estratégicas para os sete pré-assentamentos do projeto. Desse modo, as descrições dos espaços das feiras, as caracterizações tanto dos alimentos comercializados, quanto do perfil e da percepção dos feirantes contribuem juntamente a outros documentos elaborados pela equipe para pensar em ações estratégicas, apontamentos para a produção nas áreas e para a organização dos agricultores, tendo em vista inclusive ser conveniente inserir a questão da formação futura de associações e/ou cooperativas.

Assim, identificou-se a presença dos circuitos curtos locais, representados atualmente na região pelas feiras livres e pelos mercados institucionais, sendo interessante fortalecer a participação dos agricultores familiares do movimento em tais canais de venda direta. Outro fato relevante é a oportunidade de aumentar a oferta de produtos agroecológicos, uma vez que foi observado o interesse em tais produtos e sua importância para o movimento.

Logo, sugere-se que mais estudos sejam realizados na área, incluindo o estudo de mercado com os consumidores, prefeituras, hotéis, supermercados, restaurantes, bem como o estudo da viabilidade de produzir no Extremo Sul cultivos importados de outras localidades. Vale ressaltar a necessidade de ampliar o estudo das feiras e os próximos estudos dentro da temática de comercialização para o município de Teixeira de Freitas, maior centro urbano da região.

No entanto, cabe ressaltar a necessidade de maior articulação com as secretarias de agricultura dos municípios a ser estudados, de melhor planejamento e maior duração dentro do cronograma de atividades, haja vista a demanda de tempo exigida por esse tipo de estudo.

Por fim, a execução deste trabalho e de outras atividades (como as oficinas da campanha Extremo Sul pela vida: agrotóxico zero, os espaços de formação na Escola Popular e nas áreas do movimento) contribuíram para complementar e solidificar a formação em Engenharia Agrônoma. Ademais, são fundamentais as experiências práticas para dar realidade e significado para o aprendizado teórico das aulas.

Sem dúvida o estágio profissionalizante, as experiências de campo por meio dos estágios em extensão rural e a participação em outros âmbitos da Universidade, que não somente a matriz curricular, foram enriquecedores e me capacitaram para que hoje me sinta preparada para atuar na profissão, mas mais que isso para agir positivamente na sociedade.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO ACTEURS POUR UNE ECONOMIE SOLIDAIRE. **Etude: Circuits Alimentaires coopératifs et consommateurs**. França 2010.

Alimentos da Agricultura Familiar mostram peculiaridades regionais. Disponível em <http://www.mda.gov.br/portalmda/noticias/alimentos-da-agricultura-familiar-mostram-peculiaridades-regionais>>. Acesso em 16 jun 2014.

BERNARDES, M.C.N. **Cooperativas Agrícolas e seu papel em circuitos curtos**: a solidariedade alimentar a partir do cruzamento de olhares para casos na França e no Brasil. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Engenharia Agrônoma). ESALQ/USP. Piracicaba, agosto, 2014. 57p.

CANDA, C. N. Teatro-fórum: propósitos e procedimentos. **Urdimento**, Florianópolis Nº18. p 119-128, março, 2012.

Descrição do NACE/PTECA. Disponível em <http://nacepteca.blogspot.com.br>>. Acesso em 16 jun 2014.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 7ªed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983. 93p. (O Mundo, Hoje, v.24)

IANAMOTO, A.T.V.; TAVARES, C.A.; FREIXÊDAS, V.M. **Cartilha Consumir é um ato político!: rede guandu – produção e consumo responsável**. Piracicaba: Instituto Terra Mater, 2012.

KHATOUNIAN, C. A. **A reconstrução ecológica da agricultura**. Botucatu: Agroecológica, 2001.

MARQUES-MORUZZI, P. E. **Críticas e justificações em torno da soberania alimentar**: fundamentações com vistas a um sistema agroalimentar justo. Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária – ABRAA, nº 35, Vol. 01, nº 01. Edição maio/outubro 2014. ISSN:0102-1184

MARREIROS, J.R.R. **Preparar e realizar estudos de mercado**: conhecimento e análise de mercado. Instituto Politécnico de Coimbra. Coimbra, abril, 2008.

Movimentos sociais têm que romper os muros das universidades. Disponível em <<http://www.mst.org.br/>>. Acesso em 18 jun 2014

NAGEM, F. **Feiras Livres da Agricultura Familiar**: roteiro de implementação 2007. Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Disponível em <http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_docman&task=doc_details&gid=747&Itemid=216> Acesso em 4 dez 2014.

PIERRI, M. C. Q. M. **A Feira livre como Canal de Comercialização de Produtos da Agricultura Familiar**. PCT IICA/MDA – NEAD. 48º Congresso da SOBER. Campo Grande (MS), 2010.

REZENDE, A. P. C. **ESALQ e MST no processo de construção de um Centro de Formação, Educação e Pesquisa em Agroecologia e Sistemas Agroflorestais no extremo sul da Bahia**. 2012. 71. Monografia (Relatório de Estágio profissionalizante em Engenharia Florestal) – ESALQ/USP, Piracicaba, 2012.

REZENDE, A. P. C. ; LEON, D. A. ; SORRENTINO, M. ; SANTOS, J. D. ; SOBRAL, J. P. ; KAGEYAMA, P. Y. ; MIRANDA, A. ; RIBEIRO, D. S. . **Processo de Formação de Formadores em Agroecologia** - Escola Popular de Agroecologia e Agrofloresta Egídio Brunetto. 2013. (Apresentação de Trabalho no IX Congresso Brasileiro de Sistemas Agroflorestais).

SEI - Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia. **Uso atual das terras**: Bacias do Extremo Sul e do Rio Jequitinhonha. – Salvador: SEI, 2008. 176 p. il. (Série estudos e pesquisas, 81)

ANEXOS

1. Questionário elaborado pela equipe de Porto Seguro do Projeto Assentamentos Agroecológicos:

ESTUDO DE MERCADO:				
Nome: _____ O Sr.(a) é: Proprietário ☐ Funcionário ☐				
Data: _____ Local: _____ Município: _____				
Município que reside: _____				
1. O senhor(a) é? a. ☐ Produtor b. ☐ Intermediário c. ☐ Produtor e Intermediário				
2. Como adquire os produtos: a. ☐ produtor b. ☐ Ceasa c. ☐ Feirad. ☐ Mercado Municipal e. ☐ Outro: _____				
3. Como o produto é transportado até a feira: a. ☐ Carro b. ☐ Caminhão c. ☐ Caminhoneta d. ☐ Outro: _____				
4. Onde é feito o armazenamento: a. ☐ Casa b. ☐ Galpão c. ☐ No próprio veículo d. ☐ Outro: _____				
5. Com que frequência vem a feira: a. ☐ diariamente b. ☐ semanalmente c. ☐ Outro: _____				
6. Quais os tipos de produto que comercializa?				
Produto	Quantidade	Valor Compra	Valor Venda	Origem
a.				
b.				
c.				
d.				
e.				
f.				
g.				
h.				
i.				
j.				
k.				
l.				
m.				
n.				
7. Sente necessidade de alguma produto para comprar ou vender? A. ☐ Simb. ☐ Não Qual: _____				
8. Existe outra cidade que comercializa os produtos? A. ☐ Simb. ☐ Não Qual: _____				
9. Existe a procura por produtos orgânicos? a. ☐ Simb. ☐ Não Quais: _____				
10. Você possui produtos orgânicos para vender? A. ☐ Simb. ☐ Não Quais: _____				

2. Questionário adaptado pela equipe da Escola Popular:

[illegible]

--	--	--	--	--

7. Sente necessidade de algum produto para vender? ☐ Não ☐ Sim, Qual: _____

8. Sente falta de alguma estrutura na feira? ☐ Não ☐ Sim, Qual: _____

9. Paga taxa para comercializar no local? ☐ Não ☐ Sim, Qual valor? _____

10. Você vende produtos que foi necessário aplicar algum tipo de defensivo/agrotóxico? ☐ Não ☐ Sim,
Quais: _____

11. Já ouviu falar de produtos orgânicos ou agroecológicos? ☐ Sim ☐ Não ☐ Sim, mas não sabe o que é

12. Existe procura por produtos orgânicos? ☐ Não ☐ Sim, Quais: _____

13. Você possui produtos orgânicos para vender? ☐ Sim ☐ Não ☐ Não, mas tem interesse.
Quais: _____

14. **Para o produtor:** Quanto do que é produzido é vendido na feira?
☐ Menos da metade ☐ Metade ☐ Mais da metade ☐ Toda produção

15. Gostaria de dar alguma sugestão para a pesquisa? _____

3. Roteiro da cena do teatro fórum para socialização do estudo:

“COMO FORTALECER E VALORIZAR OS PRODUTOS AGROECOLÓGICOS E DA REFORMA AGRÁRIA?”

Descrição do cenário:

Feira-livre do Extremo Sul da Bahia, duas bancas de feirantes diferentes.

A primeira do feirante agroecológico do MST, caracterizado com o boné do movimento, expõe os alimentos típicos da região e são orgânicos (banana, aipim, cheiro verde, pimenta...pegar o que tiver na área para ilustrar).

A segunda do feirante convencional, caracterizado seja com óculos escuros na cabeça, um boné de marca, chapéu de boiadeiro. Compor a banca com alimentos típicos do Ceasa e campeões de uso de agrotóxico (mamão, laranja, batata, alho, pimentão...)

Personagens:

Feirante agroecológico do MST (boné MST), feirante convencional, consumidor (O OPRADOR) e consumidor “em cima do muro”.

Os consumidores também devem estar com o figurino que represente bem a identidade do personagem pode ser uma bolsa, uma sacola/carrinho de feira.

Prólogo:

O curinga entra em cena e apresenta o tema da peça, chama atenção de todos para a problemática da cena e convida um por um os personagens a entrarem em cena.

O curinga faz perguntas comuns aos atores sobre suas personagens. Exemplos:

-Bom dia senhor feirante, como o sinhô se chama?

-Bom dia seu moço, eu me chamo João!

-Seu João, mas que beleza essa feira, aquela banca ali é sua? O que tem de bom nela?

-Ah tem de tudo um pouco seu moço, eu sou um produtor agroecológico do pré-assentamento Herdeiros da Terra, do MST, já ouviu falar?

-Já sim seu João, muito bom saber! Bom dia pro senhor!

Assim por diante o curinga dialogando com os personagens facilita a apresentação de cada um para o público. Após responder às indagações do curinga cada ator se coloca em seu posto de início da cena. Cena congelada: As duas bancas na frente e central com os feirantes atrás de frente para o público. Os dois consumidores nas laterais um de cada lado indo em direção ao centro.

Cena:

Os feirantes começam fazendo a propaganda de suas bancas

Feirante MST – Olha só olha só beiju de rolo fresquinho, cheiro-verde pra temperar o almoço de domingo da família, é natural, sem veneno nenhum minha gente!

Feirante convencional – ooolha o abacaaaaaxi docinho docinho, ooolha a laraaaanja lá do Espírito Santo direto pra Bahia!

Os consumidores chegam perto das duas bancas e começam a observar os alimentos, se cumprimentam como conhecidos.. (NÃO DAR AS COSTAS PARA O PÚBLICO, FICAR ATRÁS DA BANCA TB)

Feirante MST – Bom dia senhora, quer uma ajuda?

Consumidor neutro – Ah sim quanto está esse (alimento na hora)?

Feirante MST – Esse tá 2 reais o kg, dá pra fazer tanto.. esse é lá do meu quintal, tem nada de veneno não viu fia, é natural!

Consumidor opressor se aproxima

Consumidor opressor - mmmm... isso deve estar bichado, veja ali na outra banca se não tem um mais bonito (pega o alimento na mão com cara de desdém)

Consumidor neutro (cara de indeciso, confuso) – Ah é?! Nossa mais não é melhor pra saúde comprar alimento que não usou produto químico?

Consumidor opressor chama o outro de canto e fala como se quisesse falar escondido

Consumidor opressor – Você não tá vendo que o da outra banca ali está mais bonito, e, além disso, você não viu que o feirante que vende esse tal de agroecológico é do MST? É daquele povo que invade terra, vc vai apoiar isso?

Feirante do MST percebe e fica aborrecido, mas mantém a calma e responde

Feirante MST – O moral numa boa deixa eu te falar uma coisa, sou agricultor sem terra sim, mas sou de muita confiança, pode perguntar pro pessoal aqui da feira, e o alimento não tá bichado não, ele fica assim mesmo porque é orgânico, mas é muito saboroso e saudável.

Feirante convencional com tom apaziguador – Aô freguesia não vamo esquentar a cabeça não, não precisa ninguém se ofender, se quiser tenho aqui na minha banca esse alimento e mais outros tantos sem buraquinho, com a casca limpinha, olha só que beleza!!

Consumidores chegam para banca do convencional e começam a olhar gostando pros alimentos

Consumidor opressor – Veja aqui (e já começa a colocar na sacola), eu vou levar esse aqui, já tá limpo, não vou ter dor de cabeça de ficar separando parte boa de parte ruim. Muito melhor!

Consumidor neutro hesita um pouco mais, mas depois acaba indo com o outro encher a sacola com os produtos do feirante convencional

O feirante do MST fica sozinho na banca com expressão misto de indignação e impotência.

O curinga faz o sinal e a cena congela!!

O curinga pergunta ao público o que eles viram na cena:

Curinga - O que aconteceu? Porque o feirante do MST ficou com essa cara? Qual a opressão que aconteceu? Quem é o opressor? Como podemos fazer para mudar essa situação de opressão? Existe algo que possa ser feito? Alguma sugestão?

O público começará a se posicionar, o debate inicia. A partir das sugestões o curinga convida a pessoa a intervir na cena a fim de acabar ou minimizar a opressão, no momento específico da sugestão das pessoas.

Volta a cena com a pessoa do público, os atores agora interagem com alguém do público que trará elementos novos, assim os atores devem improvisar e sentir se os argumentos são convincentes para que a situação na realidade pudesse de fato ser transformada.

A cada intervenção do público. Ao final após congelar a cena, o curinga fará perguntas aos personagens atores para saber o que eles sentiram da intervenção, como por exemplo:

Curinga – Seu João você acredita que a fala da consumidora neutra te animou?

Ou – Consumidor opressor você se convenceu com o depoimento do agricultor?

O curinga encerra o teatro com reflexão final e convida os atores a agradecer pela atenção e participação de todos!